

Pensamento Biocêntrico

REVISTA

Pensamento Biocêntrico

Número 01

Outubro/Dezembro 2004

Trimestral

ISSN 1807-8028

| | | | | |
|------------------------|---------|-------|----------|--------------|
| Pensamento Biocêntrico | Pelotas | Nº 01 | p - 1-83 | Out/dez 2004 |
|------------------------|---------|-------|----------|--------------|

CORPO EDITORIAL

Agostinho Mario Dalla Vecchia

Cleber Castilhos

Gastón Andino

João Carlos Vieira Machado

Lilian Rose Marques da Rocha

SUMÁRIO

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| ASPECTOS DA METODOLOGIA EM BIODANÇA Agostinho Mario Dalla Vecchia | 7 |
| EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS COM EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA Cleber Castilhos e Cleusa Maria Denz dos Santos..... | 25 |
| ESPÍRITO E NATUREZA: UM REENCONTRO? Feliciano E.V. Flores..... | 43 |
| VIVENCIANDO EM ORGANIZAÇÕES João Carlos Vieira Machado..... | 51 |
| POESIAS Lílian Rose Marques da Rocha | 61 |
| INTEGRAÇÃO DO FEMININO Myrthes Gonzalez | 67 |

ASPECTOS DA METODOLOGIA EM BIODANÇA

Agostinho Mario Dalla Vecchia

Desejamos expor aspectos da metodologia da biodança, da metodologia aplicada nas vivências, da epistemologia da vivência.

Fomos habituados ao longo dos últimos séculos, com a expansão das ciências, da tecnologia e da revolução industrial, a pensar, organizar, viver e a incorporar um pensamento mecanicista, um pensamento que se desenvolveu a partir da dissociação entre corpo e alma, entre conhecimento e sentimento, entre conhecimento racional e o conhecimento vivencial. A origem disso está na experiência originária de expansão e de conquista dos reis e dos mercadores europeus sobre o restante do mundo, a partir de 1500. O homem moderno incorporou essas dissociações de uma forma vivencial, organizacional e as traduziu numa prática ideológica que segue se reproduzindo.

Para intelectuais, pesquisadores e empresários habituados ao paradigma antropocêntrico, muitas vezes é estranho e preocupante o aparecimento de um novo paradigma e uma nova forma de pensamento e de entendimento do mundo. Contudo o pensamento centrado na vida continua avançando e reconhecendo cada vez mais a legitimidade do método vivencial.

Toda a forma nova de ser e de viver causa mobilização e muitas vezes reações de resistência e desqualificação. Superado o estranhamento, os conflitos, a escola pode ir abrindo espaço para o

progressivo conhecimento, incorporação e aplicação do método da Biodança integrado ao processo de construção do conhecimento centrado na vida.

A Vivência como Método.

O modo habitual de fazer ciência na perspectiva cartesiana apresenta as possibilidades do desenvolvimento técnico e os limites de uma visão antropocêntrica, com uma visão mecanicista da realidade, com uma visão dualista do ser humano, uma educação centrada sobre o conhecimento racional. Uma nova visão de mundo centrada na vida, percebendo a realidade de forma integrada e complexa, valorizando as formas de relação e de conhecimento possíveis a partir do princípio biocêntrico, está se firmando com novas propostas de pensamento, de relacionamento e de organização da cultura. Com outros fundamentos para a educação busca-se desenvolver um ser humano dentro de uma compreensão de evolução integrada dos instintos, das emoções, dos sentimentos e da consciência a partir da expressão dos potenciais genéticos e da articulação com o meio ambiente. Para um projeto de trabalho com a perspectiva biocêntrica é necessário explicitar os fundamentos teóricos e metodológicos de tal atividade. Abordaremos abaixo, de forma mais detalhada os elementos teóricos e metodológicos que nutrem esta nova forma de fazer ciência, de fundamentar referenciais para o agir, de desenvolver a educação, de organizar a cultura. No primeiro momento vamos dar atenção à questão metodológica e seus fundamentos.

A definição da Biodança pressupõe o conceito de vivência, que é a base de sua metodologia. Wilhelm Dilthey a definiu como “algo revelado no complexo psíquico dado na experiência interna de um modo de existir a realidade para um indivíduo”. Dilthey influenciou na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, na ontologia de Martin Heidegger e na sociologia de Max Weber. Rolando Toro, autor do sistema de Biodança, define e caracteriza a vivência e estabelece uma metodologia precisa e fundamentada para a integração e desenvolvimento humano. A vivência é

a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente, que envolve a cenestesia, as funções viscerais e emocionais. A vivência confere à experiência subjetiva a palpante qualidade existencial de viver o “aqui e agora”. Defini as características essenciais da vivência e estruturei uma metodologia precisa para induzir vivências voltadas à integração e ao desenvolvimento humano mediante a estimulação da função arcaica de conexão com a vida, já que a vivência é a expressão psíquica imediata desta função (TORO,2002:30).

A metodologia da Biodança prevê a indução de vivências de integração, pois elas implicam uma imediata e profunda conexão do indivíduo consigo mesmo. “O fenômeno da aprendizagem envolve todo o organismo e não apenas as funções corticais” (TORO, 2002:29). Ocorre nos níveis cognitivo, vivencial e visceral, que estão neurologicamente relacionados e podem condicionar-se reciprocamente. Quando um aprendiz compreende estes três níveis, os relativos comportamentos resultam integrados.

A Biodança faz o percurso que vai das vivências aos significados. Em Biodança a vivência tem prioridade metodológica embora não exclua a função cognitiva, a consciência e o pensamento simbólico. Os exercícios são destinados primordialmente a induzir vivências e, só posteriormente caberá à consciência registrar e denotar os estados internos evocados.

A vivência tem um valor intrínseco e um efeito imediato de integração, razão pela qual não é necessário que seja posteriormente analisada no nível da consciência. Na Biodança propõe-se uma descrição das vivências pessoais, enquanto experiências interiores, sem análise ou interpretação psicológica (TORO,2002:30).

Em quarenta anos de aplicação do método de Biodança Rolando consegue observar e especificar as características essenciais da vivência, o que permite operacionalizar com mais segurança o método vivencial. São resumidas como:

-Experiência original – a vivência se constitui na experiência original de nós mesmos, da nossa identidade, anterior a qualquer elaboração simbólica ou racional.

-*Anterioridade à consciência* – é uma manifestação do ser que precede a consciência. A conscientização pode ser imediata ou num momento posterior. Ela tem a prioridade sobre a consciência no processo de integração da identidade e de expressão das potencialidades genéticas.

-*Espontaneidade* – como a água que brota de uma fonte, a vivência surge com espontaneidade e frescor; possui a qualidade do original. A vivência não está sob o controle da consciência: pode ser evocada, mas não dirigida pela vontade.

-*Subjetividade* – a vivência é subjetiva: ela se manifesta a partir da identidade. As vivências que cada pessoa experimenta são únicas, íntimas e, portanto, incomparáveis.

-*Intensidade variável* – varia conforme a intensidade da conexão consigo mesmo e a qualidade do estímulo que a produz. À medida que diminui a atividade consciente de controle, aumenta a intensidade da vivência.

-*Temporalidade* – a vivência é passageira. Ela se manifesta no momento presente e constitui-se numa experiência de “gênese atual”, no sentido do conceito proposto por Alfred Awersperg para referir-se à contínua criação da vida que se verifica nos organismos vivos.

-*Emocionalidade* - freqüentemente a vivência dá origem a emoções.

-*Dimensão cenestésica* – A vivência é sempre acompanhada de sensações cenestésicas e envolve todo o organismo. Segundo a hipótese do autor ela é a via de acesso ao inconsciente vital.

-*Dimensão ontológica* – A vivência constitui a conexão íntima absoluta, ligada ao ser e à percepção de estar vivo, É, portanto, uma qualidade ontológica.

-*Dimensão psicossomática* – A vivência é um ponto de junção da unidade psicossomática, que está relacionado ao processo de transmutação do psíquico em orgânico e do orgânico em psíquico. Há vivências que produzem desorganização, e conseqüentemente distúrbios a nível orgânico ou psíquico; há, ao invés disso, vivências de integração que favorecem uma elevação do grau de saúde e de vitalidade (cf. TORO, 2002:31-32).

Vivência, Emoção, Sentimento.

Rolando distingue os conceitos de vivência, emoção e sentimento. Vivência é uma sensação intensa de viver o “aqui e agora”, com um forte componente cenestésico. As vivências são experiências passageiras.

A emoção é uma resposta psicofísica de profundo envolvimento corporal representado pelos impulsos internos à ação. As emoções têm uma orientação centrífuga e uma acentuada expressividade (por exemplo: alegria, raiva, medo); tem uma forte influência sobre o sistema neuro-vegetativo. Por sua vez o sentimento é uma resposta mais elaborada nas confrontações das pessoas com o mundo. Os sentimentos são duradouros (memória), envolvem participação da consciência, são diferenciados (preferência) e tem um caráter simbólico (por exemplo: amor, solidariedade, felicidade) (TORO, 2002:32).

Para uma epistemologia da vivência.

Segundo Rolando Toro, nos dias atuais a investigação do fenômeno da consciência não se restringe ao conhecimento racional, abrangendo também aspectos etológicos, místicos e poéticos. Os caminhos para alcançar a realidade da consciência são múltiplos. E podem incluir informações emocionais e cenestésicas. A expressão não depende só dos órgãos dos sentidos, mas, também, do contexto vivencial da própria percepção. Rolando propõe que a vivência constitua um modelo de exploração da origem da consciência. Quanto à legitimidade científica da vivência afirma o seguinte:

A vivência é uma experiência inevitável que comunica um conteúdo preciso de sensações e de percepções, e que anula a distancia entre aquilo que se sente e a observação do próprio sentir. Essa experiência implica uma forma de consciência que, segundo Maurice Merleau Ponty, tem legitimidade científica.

A vivência pode ainda ser considerada como uma forma direta de consciência, cuja “veracidade” não passa pela razão e cujos efeitos envolvem todo nosso ser. A este propósito Michel Maffesoli

afirma que se interessar pela vivência significa enriquecer o conhecimento, mostrar que uma consciência digna desse nome não pode deixar de ser ligada pela totalidade do ser ao objeto (TORO,2002:32).

Eugênio Pintore afirma que a função central da vivência em Biodança permite recuperar o aspecto experiencial da abordagem cognitiva, superar a cisão entre experiência e consciência e, assim, modificar a própria idéia de ciência.

A Biodança propõe uma epistemologia e uma teoria da consciência absolutamente inovadoras e revolucionárias, e o centro dessa “revolução” considera essencialmente o conceito de vivência. Uma epistemologia baseada na vivência pode conduzir não só a uma consciência essencial da realidade, mas, também à sabedoria que consiste na relação com o mundo, na integração dos ser com o cosmo. A Biodança inaugura assim, uma forma extremamente profunda de acesso à consciência de si e do mundo por meio da vivência (TORO, 2002:32-33).

Assim é possível uma definição da Biodança como “um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originárias da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo”(TORO, 2002:33).

A música é uma linguagem universal e na Biodança tem a função de evocar vivências. São estudados seus conteúdos emocionais com a finalidade de avaliar os efeitos orgânicos que provocam e o tipo de vivência que evocam. Somam-se outros poderosos recursos de indução de vivência como o movimento ou a dança, a palavra vivencial do facilitador, as situações de grupo. O trabalho vivencial segue uma organização orgânica da aula que vai da ativação para a regressão, da consciência ampliada à consciência diminuída.

A Biodança é feita em grupo e resulta eficaz quando este é afetivamente integrado, que oferece possibilidades diversificadas de comunicação e proporciona um “continente protetor” a cada um dos participantes durante a realização das vivências. É muito importante o fato da Biodança não oferecer nenhum modelo de comportamento.

Ao entrar em contato consigo mesmo num processo de integração, um indivíduo apresenta seu próprio modelo genético de respostas vitais.

Na Biodança a integração se realiza pela estimulação da função primordial de conexão com a vida, o que permite a cada indivíduo integrar-se a si mesmo, à espécie e ao universo. A integração a si mesmo consiste em recuperar a unidade psicofísica; a integração com o outro, consiste em restaurar o vínculo original com a espécie como totalidade biológica e a integração com universo consiste em resgatar o vínculo primordial que une o homem e a natureza e em reconhecer-se como parte de uma totalidade maior, o cosmo (TORO, 2002:34).

Despertar a função arcaica de conexão com a vida pressupõe a existência mesma da vida. Pode se tornar um processo de maturação interior, uma atitude consciente capaz de restabelecer o contato com o primordial. O homem passou por longo processo de degradação dos instintos, perdendo a função de conexão com a vida (TORO, 2002:34).

Quanto à renovação orgânica, os sistemas vivos têm um tipo de funcionamento complexo onde múltiplos fatores geram soluções novas e apropriadas às dificuldades que se apresentam a cada momento. Para conservar o equilíbrio o organismo desencadeia reações de adaptação às mais variadas situações biológicas. Nos seres humanos particularmente estas soluções não são programadas de maneira definitiva, mesmo que a determinação genética proponha respostas muito específicas.

Os sistemas biológicos possuem sistemas de auto-organização. Para Henri Atlan a especificidade dos organismos está ligada a princípios organizadores e não a propriedades vitais irreduzíveis. Para Edgar Morin, a máquina viva, ainda que temporariamente, não é degenerativa como a máquina artificial e está apta a aumentar a sua complexidade. Segundo Rolando Toro, o organismo vivo possui, de fato, a capacidade de renovar e restabelecer certos níveis de equilíbrio a partir de certos estados de desordem. A renovação orgânica é observável, por exemplo, no caso de rejuvenescimento de pessoas idosas provocada por uma

transformação no estilo de vida, na restauração do equilíbrio funcional (TORO, 2002:34-35).

A renovação orgânica advém na Biodança como efeito da homeostase, do equilíbrio interno e da redução dos fatores de estresse. “A homeostase é o mecanismo de auto-regulação que permite ao organismo manter-se em estado de equilíbrio dinâmico, apesar das oscilações das funções variáveis, dentro dos limites de tolerância” (TORO, 2002:35).

A renovação orgânica é estimulada pela indução de exercícios que induzem estados de transe e de regressão integradores. Nesses estados se reproduzem em parte as condições fisiológicas inerentes à primeira infância. Ela estabelece uma relação com o metabolismo celular da criança mais acelerado que o do adulto. Reproduzindo-se tais condições, aumenta a eficácia dos processos de reparação orgânica (TORO, 2002:35).

Quanto à reeducação afetiva a Biodança considera um objetivo essencial estimular a afetividade no ser humano, mediante sua aplicação no campo da educação desde os primeiros anos de vida. A afetividade no homem moderno se apresenta, muitas vezes, perturbada. A violência e a destrutividade permeiam a sociedade. Apesar dos avanços tecnológicos, grande parte da humanidade está sob o aspecto afetivo, numa condição de aridez e de esterilidade na qual o amor é o grande ausente (TORO, 2002:35).

Quanto ao aprendizado das funções originais da vida Rolando Toro nos coloca que os instintos constituem a expressão do programa biológico e podem ser sensibilizados pela Biodança. O instinto é uma conduta inata e hereditária que não requer aprendizado e que se manifesta diante de estímulos específicos. Sua finalidade biológica é a adaptação ao ambiente, indispensável à sobrevivência da espécie, com todos os seres vivos. Existe uma tendência cultural de relacionar os instintos à irracionalidade, contudo eles revelam uma espécie de sabedoria biológica da espécie que tem sua própria lógica. Muitos instintos têm seus opostos complementares. Exemplo: a fome tem como seu oposto complementar a saciedade. Esta bipolaridade dos instintos é uma expressão da lógica da vida, que permite resolver problemas de adaptação numa escala bastante

ampla. A força do impulso instintivo diminui à medida que ele se satisfaz (TORO, 2002:36).

A auto-regulação dos instintos tem uma base orgânica constituída por uma infra-estrutura neuroendócrina de notável precisão: por esta razão a liberação dos instintos não representa perigo; ao contrário, resgatar no próprio estilo de vida uma coerência com esses impulsos inatos é um modo natural de responder harmoniosamente às necessidades orgânicas, e assim, manter a saúde. E Rolando Toro segue investigando autores como Charles Darwin, William Mc Dougall, Konrad Lorenz, Nikolas Tinbergen e Irenaus Bibl-Eibesfeld a respeito do instinto (TORO, 2002:36).

Atualmente temos o reconhecimento da importância do primordial e da idéia de que a saúde esteja vinculada à fonte original da vida. Para Rolando Toro deveríamos retomar o significado do instinto e restabelecer seu valor psicoterapêutico, antropológico e educativo. Essa proposta visa resgatar nossa selva interior e ver as manifestações instintivas de uma perspectiva de exaltação da vida e da graça natural dela derivada (TORO, 2002:37).

Então, Biodança significa dança da vida. Bio (*bios*)=vida e dança= com o sentido primordial de “movimento natural”, ligado às emoções e pleno de significado. Biodança, a dança da vida. Não tem o sentido clássico de dança.

Quanto às áreas de aplicação a Biodança é aplicada em Educação; Biodança para a saúde (complementação terapêutica) e Biodança para organizações. Uma característica metodológica da Biodança é sua ação sobre a parte saudável do indivíduo. Utiliza uma metodologia cujos mecanismos induzem mudanças orgânicas e existenciais, muito embora, para muitas pessoas os efeitos da Biodança são inexplicáveis. Danças e exercícios curam enfermidades psicossomáticas e elevam a qualidade de vida.

As danças e cerimônias da Biodança foram concebidas para induzir novas formas de comunicação, estimular a expressão da Identidade, realizar uma reeducação afetiva, integrar a unidade orgânica, induzir processos de percepção ampliada (TORO, 1999:4 Apostila da Escola biocêntrica Rolando toro de Pelotas).

A Biodança orienta seus objetivos para as funções globais de integração.

Os mecanismos de ação da Biodança estão profundamente interconectados. Um estudo separado das distintas variáveis só tem um valor didático. A Biodança é um sistema que abarca a totalidade da vida humana e possui um Modelo Teórico de grande coerência (TORO, 1999:4 Apostila da Escola biocêntrica Rolando toro de Pelotas).

O mecanismo fundamental da Biodança é a estimulação de vivências mediante a música, a dança e as situações de encontro em grupo. Na abordagem da Biodança a vivência tem prioridade sobre o pensamento conceitual ou as programações de conduta. O pensamento lógico racional não é instrumento adequado para mudança existencial e para induzir mudanças profundas de atitudes e tendências. As vivências têm efeito sobre a Identidade, sobre os processos de integração afetiva, sobre a realização existencial e sobre os estados de consciência (TORO, 1999:4-5 – Identidade. Apostila da Escola biocêntrica Rolando Toro de Pelotas). “As vivências tem um poder de integração em si mesmas e não necessitam de elaboração consciente; elas são modo de cognição, a nível inconsciente” (TORO, 1999:5 – Apostila da Escola biocêntrica Rolando Toro de Pelotas).

Os exercícios de Biodança estão programados em ordem progressiva para atingir níveis evolutivos superiores. São organizados e integrados para gerarem “processos de mudança”. Assim é importante a continuidade da prática de Biodança para que seus efeitos se estabeleçam. Biodança é uma atividade grupal, na qual, pela interação com outras pessoas se permite um processo de crescimento. Não existe evolução solitária. Não é verdadeiro, segundo Rolando Toro, que para amar ao próximo é preciso amar a si primeiro. Ocorre simultaneamente: enquanto amo ao próximo estou amando a mim mesmo. “A Identidade se manifesta na presença do outro. O amor a si mesmo e o amor ao próximo não são sucessivos, mas simultâneos” (TORO, 1999:5-6. Apostila da Escola Biocêntrica Rolando Toro de Pelotas: Identidade). A Biodança não estimula o individualismo e sim a expressão da Identidade através das relações humanas. Não existe Biodança individual.

O fundamental em Biodança é a expressão da Identidade. A Identidade só é Identidade diante de outra pessoa. Ela se manifesta

na presença do outro. Os potenciais genéticos constituem a gênese biológica da Identidade. No entanto esses potenciais se manifestam pela ação de eco-fatores ou estímulos do meio ambiente. Os eco-fatores mais fortes para condicionar a expressão dos potenciais são os humanos, podemos também inibi-los. Assim, a expressão da Identidade é fortemente condicionada pela ecologia humana. “Nossa abordagem sustenta que o processo de desenvolvimento da Identidade depende da interação com outras pessoas” (TORO, 1999:7 – Apostila da Escola Biocêntrica Rolando Toro de Pelotas).

A partir dessas colocações teóricas e metodológicas básicas sobre a Biodança podemos considerar que a vivência é o elemento metodológico essencial da Biodança e da Educação. A vivência tem um valor intrínseco e um efeito imediato de integração, razão pela qual não é necessário que seja posteriormente analisada no nível da consciência (TORO,2002:30). A vivência, como núcleo ontológico do ser humano, é anterior à consciência e ao pensamento racional. É o elemento constitutivo da Identidade e do conhecimento. Na Biodança a ontologia da vivência inclui a epistemologia da consciência.

Dessa forma, a vivência é também o núcleo epistemológico da Biodança e da Educação. O corpo inteiro percebe uma verdade que foi vivida. Segundo Rolando Toro Arañeda a descrição de um único caso de vivência tem valor científico. O conhecimento vivencial é tão fundamental quanto ao conhecimento formal e é integrado com o mesmo, sendo sua base estrutural. A Biodança começa pela vivência e leva à consciência. A consciência é sempre posterior à vivência. A linha de vivência integradora de todas as outras linhas de vivência é a afetividade. Ela é a base estrutural na formação da identidade e a base estrutural do conhecimento.

“Na Biodança propõe-se uma descrição das vivências pessoais, enquanto experiências interiores, sem análise ou interpretação psicológica” (TORO,2002:30). A fenomenologia é o suposto metodológico de pesquisa em Biodança. O critério de qualidade e de confiabilidade é a natureza da vivência que tem, por si, valor intrínseco, valor ontológico e valor epistemológico. A descrição e análise do conjunto dos relatos das vivências mostram regularidades e matizes que concentram e agrupam cada uma delas

em uma linha de vivência permitindo extrair conclusões a respeito de seu valor constitutivo na formação da identidade e na construção do conhecimento.

A vivência é reconhecida nos meios científicos como elemento metodológico e epistemológico, apesar das divergências na discussão entre pesquisadores quantitativos e pesquisadores qualitativos. A metodologia fenomenológica se destaca pela relevância acadêmica que tem a descrição, compreensão e a interpretação das realidades vivenciais, fenômenos impregnados de subjetividade construída nas relações intersubjetivas, nas relações de integração vivencial da pessoa consigo mesma e com o cosmo.

O fundador da Biodança se mostra firme na visão do método da Biodança

Os hábitos intelectuais de seleção, de avaliação e de julgamento voltados aos objetos e fenômenos serão substituídos pela percepção de regularidades e matizes dentro de situações caóticas. A questão do “porquê” cede lugar em favor do “como”. Tudo que conta é o ser vivo que se manifesta em meio a ruídos e situações aleatórias, já que o sentido da vida está na vida mesma e prescinde de elaboração de significados extrínsecos. Por isso, o fenômeno da consciência, assim como se manifesta no homem, não mais se limitará a levar em consideração as múltiplas reações da entidade viva e segundo parâmetros antropológicos ou mecânicos (TORO, 2002:51).

A noção de caos, referenciada aqui, não significa desordem e sim situação prenhe de possibilidades de novas organizações, novas relações. Rolando Toro propõe que a ciência tome como paradigma a própria vida:

Assim como a física encontra seu lugar no corpo da biologia, a consciência se insere no campo da vivência, caso seja possível definir o emocional como a experiência suprema do contato com o real. Se a verdade, segundo a concepção tradicional da ciência, é uma proposição tautológica, pode, apesar disso, alcançar a dimensão de certeza quando se organiza tomando como referência iniludível a vida: ser, portanto, da própria existência, como um dançarino é, ele mesmo, ritmo e harmonia.(TORO, 2002:51)

Pelo significado que ocupa o potencial genético na

articulação do homem na vida, em contato com os eco-fatores ambientais, Rolando afirma que o método de Biodança é concebido como um sistema fechado de relações homeostáticas, que, porém, apresenta aberturas sutis a novas possibilidades de equilíbrio, representadas pelo contato inter-pessoal, em um processo aberto de co-criação e de integração. Por esta razão, o Modelo Teórico da Biodança pode ser considerado um sistema semi-aberto, que, em linguagem contemporânea, se chamaria “Sistema Complexo Adaptativo” (TORO, 2002:73).

“O modelo de Biodança propõe a pulsação entre uma tensão aferente (centrípeta), acompanhada por um aumento da vivência de identidade, e uma expansão (centrífuga), acompanhada de uma vivência de dissolução na totalidade. Tais aberturas permitem transformações discretas, de caráter evolutivo, a partir de uma constante reorganização biológica provocada pelas vivências integradoras, cujo suporte é o potencial genético” (TORO, 2002:73). Segundo a afirmação destacada acima o método da Biodança é um método aberto e que permite uma abertura teórica em permanente processo de evolução. É uma postura coerente com a própria vida em evolução.

A partir do suposto que a vivência é exclusivamente individual, subjetiva e única, com valor intrínseco em si, vivida com intensidade no instante aqui e agora pela pessoa, e tendo efeito imediato de integração; um conjunto de vivências descritas e analisadas num determinado universo de estudo pode apresentar experiências antagônicas ou complementares. Uma pessoa pode ter, na mesma vivência, a experiência de carência e de saciedade afetiva, por exemplo. São fenômenos aparentemente antagônicos, mas integrados no mesmo eixo da afetividade.

Supondo que a realidade ou um organismo se compõe de uma teia de relações onde uma parte interfere no todo e o todo em cada parte, na totalidade das vivências de uma pessoa podem existir vivências dissociadas, antagônicas, o que revela uma situação patológica, e quando aparentemente antagônicas são complementares, tendem a um equilíbrio dinâmico. Por exemplo, a vivência onde a pessoa coloca sua ação de assertividade e de

intervenção no mundo, é coerente e está integrada na mesma pessoa no momento que está em repouso.

Um suposto pedagógico básico é que a mudança surge da vivência e não da consciência. Assim, por parte do educador, a postura vivencial incorporada e integrada afetivamente, a forma como vive, é o “instrumento” que se tem para desencadear a vivência nos educandos e para trabalhar de forma biocêntrica. Não podemos fazer vivência como técnica para trabalhar conteúdos. A vida é o centro, o mais importante, não há fórmula para trabalhar com ela, mas a postura do professor-facilitador, uma ação de coragem, uma ação que brota do coração. A postura afetiva leva ao contato e à criação de vínculos. Para isso é necessário mergulhar no contexto para a construção integrada do conhecimento e para a formação da identidade do educando.

Com o objetivo exposto acima, serão abordadas as conclusões do criador do sistema Rolando Toro Arañeda, dos Professores-pesquisadores que atuaram nas últimas décadas, na chamada Educação Biocêntrica e as conclusões apresentadas pelo Grupo de Pesquisa “A Teia da Vida” (CNPq, protocolo n. 0578981658928518), dirigido por mim e constituído de professores-facilitadores, no qual serão por mim aplicadas oficinas de vivência de vitalidade, criatividade, sexualidade, transcendência e, principalmente, de afetividade, através da metodologia da Biodança. Após o relato vivencial de cada participante, as vivências serão descritas, compreendidas, interpretadas e apresentadas em forma de conclusões a respeito das contribuições para a formação da identidade do educando e para a construção do conhecimento.

O pressuposto teórico básico neste processo é a existência do potencial genético que dispõe de um instinto gregário, de nutrição, de proteção e de vínculo com a espécie (grupo de potenciais afetivos). Mediante eco-fatores ambientais e de grupo, através dos exercícios induzidos pela música, pela dança, pela palavra vivencial do facilitador, em situações de grupo, já afirmado acima, é produzida a deflagração da sensação, da emoção e do sentimento que possibilitam a integração afetiva, a renovação orgânica e o reencontro com as condições originárias da vida. O enfoque é sobre a

parte saudável dos potenciais afetivos, sua expressão e desenvolvimento. Tem em vista, neste caso, um objetivo pedagógico.

Na perspectiva de se aplicar a Biodança em todas as linhas de vivência Ruth Cavalcante afirma:

A aprendizagem [...] norteada pelas linhas de vivência, aumenta a auto-regulação, a vitalidade geral, a descoberta do prazer, a exaltação criativa, a capacidade de vínculo e a integração com a totalidade. A integração induz a estados de plenitude (CAVALCANTE, 1999:67).

Quanto ao desenvolvimento da identidade, permitido por esse processo, a Biodança tem características e procedimentos próprios. A expressão ontológica de nossa Identidade é o movimento corporal. A dança, portanto, é uma ação exercida diretamente sobre a Identidade. O amor e o desejo sexual reforçam a Identidade ao mesmo tempo a tornam vulnerável. Esse é um novo paradoxo. A complexidade de componentes e estruturas que constituem a Identidade é o que, de certo modo, a torna uma noção difícil de operar. O instrumento mais sutil e poderoso para penetrar no integrado mecanismo da Identidade é a dança. A dança ativa o núcleo central da Identidade: a comovente sensação de estar vivo e a percepção da unidade de nosso corpo com as vivências e emoções (CAVALCANTE, 1999:67).

A partir dessa sensação visceral se re-atualizam as primeiras noções do corpo e sua perfeição como fonte de prazer. Ao mesmo tempo, acentua-se a noção do “ser diferente e único” ao entrar em contato com outras pessoas. A auto-estima e a consciência de si mesmo elevam-se a níveis ainda não experimentados. O sentir-se vivo “com o outro” e, ao mesmo tempo, exaltado em suas próprias características, reforça todos os circuitos da Identidade saudável.

Especificamente podemos dizer que, na expansão da identidade, nos exercícios de Biodança o aluno é, mais do que nunca, ele mesmo: respeitado, valorizado, querido e aceito. Experimenta seu corpo como fonte de prazer e, ao mesmo tempo, como potencialidade capaz de expressar-se criativamente. Os dois grandes pólos entre os quais se recicla o processo de Identidade são, assim, fortemente ativados dentro da Biodança.

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTE, R. et al. *Educação biocêntrica - um movimento de construção dialógica*. Fortaleza: Edições CDH, 2001.

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. *A Educação Integrada à Vida. Analítica e Visão Biocêntrica: Distinções e convergências*. Porto Alegre: Evangraf Gráfica e Editora, 2002.

TORO, Rolando. *Biodança*. São Paulo: Editora Olavobraz/EPB, 2002.

TORO, Rolando. *Educação Biocêntrica - apostila curso de formação docente em Biodança*. International Biocentric Foundation. 2001.

TORO, Rolando - "*Teoria da Biodança - coletânea de textos*" – Organização Cezar Wagner de Lima Góis - ALAB - Ceará - 1991.

TORO, Rolando - *Coletânea de textos de Biodança vol.1 e 2*. Org. Maria Lúcia Torres, 1990.

TORO, Rolando M. A., *Coletânea de Textos de Biodança*, org. Cezar Wagner de L. Góis (11 Edição: 1982 Fortaleza. Escola Nordestina de Biodança), 21 Edição, Fortaleza, Editora ALAB, 1991.

TORO, Rolando M. A., *Princípio Biocêntrico*, Cadernos de Vivência (org. Cezar Wagner de Lima Góis). Fortaleza/Recife, Centro de Vivência/Editora Bio's, 1986.

TORO, Rolando. *Teoria da Biodança*. Tomo I e II. Salvador: 1982 (Apostila)

TORO, Rolando. *Teoria da Biodança: Coletânea de Textos*. Fortaleza. ALAB, 1991.

TORO, Rolando. *Identidade e Integração*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda.

TORO, Rolando. *Biodança: Sistema Rolando Toro*. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Aspectos psicológicos de Biodança*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda.

TORO, Rolando. *Aspectos fisiológicos da Biodança*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *O Inconsciente Vital*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Antecedentes míticos e filosóficos da Biodança*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Criatividade*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Transcendência*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Metodologia I Semântica Musical*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Vitalidade*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *A Vivência*. Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Aspectos biológicos da Biodança.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Mecanismos de Accion.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Biodança: Ars Magna.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Transe e regressão.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Contato e carícias.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *O Movimento humano.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Aplicações e extensões da Biodança.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

TORO, Rolando. *Linhas de vivência.* Biodança: Sistema Rolando Toro. Apostila do Curso de formação docente de biodança. Copyright by Rolando Toro Arañeda

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS COM EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA

**Cleber Castilhos
Cleusa Maria Denz dos Santos**

Resumo

Esse artigo contém o relato de experiências profissionais desenvolvidas com a Educação Biocêntrica. A intenção dos autores é compartilhar com o público em geral e, em especial com pessoas que trabalham com outras pessoas, as possibilidades de atuação e o alcance dessa metodologia. Foram selecionados quatro trabalhos, em períodos e grupos de pessoas distintos, nos últimos seis anos.

Nossa formação em Educação se deu na década de 80, período fértil no cenário político e social brasileiro. Grandes debates eram organizados nas Universidades e Centros Populares de Cultura. Seguidamente pessoas como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Frei Betto e outros eram congressistas nos Encontros promovidos pelos centros acadêmicos e entidades de classe. Aprendemos nesse período, a militância por uma Educação Libertadora, que garantisse o livre acesso de todos à Educação.

No início da década de 90 ocorreu nossa formação em Biodança. Quando tivemos acesso a esse Sistema, logo se

vislumbraram aos nossos olhos a possibilidade de agregar essa metodologia aos nossos trabalhos sociais. Assim sendo, em vários Encontros e Seminários tivemos a oportunidade de apresentá-la, constatando a sua força e o encantamento que provocava em todos os participantes.

A experiência enquanto profissionais de Biodança e os trabalhos até agora realizados, nos fazem ter hoje a certeza do quanto ela é potente e revolucionária. Há, com certeza, um grande caminho a ser percorrido, expandindo a Biodança dentro e principalmente fora dos salões “tradicionais”.

Em nossa caminhada, contudo, fomos percebendo que o atendimento à demanda de determinados grupos institucionais precisava de uma metodologia específica e mais objetivamente reflexiva. Agregamos aos nossos conhecimentos teóricos e vivenciais em Biodança, outras metodologias e teorias como a Dinâmica de Grupo, Psicologia Transpessoal, Dialogismo, Gestaltpedagogia, Sociodrama, além de inúmeras leituras realizadas na preparação de cada novo trabalho de acordo com a demanda apresentada. Fomos obtendo “resultados” maravilhosos, e são alguns destes resultados que estamos nos propondo a compartilhar neste artigo.

Gostaríamos de dizer também, que em nossa prática como educadores sempre pautamos a educação para muito além do espaço escolar. Acreditamos que este deva ser urgentemente transformado em um espaço com Vida e Saúde, contudo há inúmeros outros espaços onde a aprendizagem também se dá e muitos deles sedentos de expressão e reconhecimento.

“Educar para uma cidadania global é ensinar a viver na mudança e não querer controlá-la. Compreender que é impossível querer desacelerar o mundo e, assim, procurar adaptar a nossa forma de educar às mudanças rápidas e aceleradas presentes no mundo. É ter uma atitude interna de abertura e não de fechamento, uma atitude de questionamento crítico e, ao mesmo tempo, de aceitação daquilo que julgar relevante. Implica desenvolver uma boa capacidade decisória, perceber e compreender as diferentes alternativas, os diferentes caminhos que se apresentam, compreender que cada indivíduo é quem decide e constrói o seu próprio caminho e que é

preciso ser flexível para perceber quando será necessário refazer o caminhar. Pressupõe a compreensão da Vida como um processo dinâmico, flexível, criativo, interdependente, um processo individual e coletivo que lembra que nossos pensamentos e nossas ações repercutem não apenas no contexto em que vivemos, mas numa dimensão muito mais ampla do que possamos imaginar.”¹

Pensando assim, encontramos na Educação Biocêntrica, oriunda da Biodança, não um substituto desta, tão pouco uma mera aplicação da mesma em escolas, mas uma alternativa bastante objetiva nesse processo de transformação social. A Educação Biocêntrica na nossa opinião, longe de estar “fechada” ou “concluída”, passa por uma sistematização diferenciada, que tem sido objeto de estudo em muitos trabalhos acadêmicos e em monografias das Escolas de Formação em Biodança.

“É importante salientar, portanto, que não devemos confundir as duas abordagens. A Biodança foi a fonte inspiradora, mas a tendência que identificamos como Educação Biocêntrica construiu-se metodologicamente no caminho vivencial e reflexivo no processo de construção do conhecimento de forma integrada para a revelação do Ser em sua interação social para a evolução da vida, enquanto que a Biodança se constitui em um método rigorosamente vivencial para expressão dos potenciais genéticos em seus níveis de vinculação com a Vida.”². Marcos Cavalcante - Educação Biocêntrica

Nossa experiência com Educação Biocêntrica teve início há seis anos e há quatro caminhamos juntos numa construção coletiva. Não vamos nos alongar em detalhes, mas compartilhar nosso histórico e o registro de alguns “resultados” obtidos.

Citaremos a seguir alguns de nossos trabalhos com programação pautada na Educação Biocêntrica, cujos temas foram dos mais diversos de acordo com a demanda de cada instituição:

- SESI - Serviço Social da Indústria do estado de Santa Catarina, com as Assistentes Sociais Regionais;
- APAE – Associação de Pais e Amigos de Excepcionais da Cidade de Florianópolis, com os profissionais administrativos e técnico-científicos;
- CMDS – Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável em quatro municípios do Ceará, nos quais se trabalhava todo o município, desde o setor administrativo, câmara de vereadores, setores organizados da comunidade e profissionais não organizados como religiosos, pescadores, costureiras...
- Fundação de Ação Social – Projeto de Geração e Renda – Centros Comunitários em Fortaleza/CE, com a população inscrita nos cursos de capacitação profissional,
- Fundação Abrinq – Elaboração de Projetos – Trabalhos com representantes de ONG's e associações em Fortaleza/ CE;
- Instituto de Ecologia Humana – Elaboração do Plano de Educação Ambiental do Estado do Ceará em Fortaleza/ CE, com representantes do Poder Executivo Estadual e Municipal, representantes não-governamentais e de setores da sociedade vinculados a esse tema.
- Programa de Integração e Desenvolvimento da Equipe Profissional da Paramount Asia Ltd., Dongguan/ China, com os gerentes e funcionários brasileiros e chineses da empresa.
- Município de Ibiapina/CE - com Secretaria Municipal de Educação e todos os educadores da rede municipal de ensino;
- Município de Itapajé /CE – com a Secretaria Municipal de Educação e todos os educadores da rede municipal de ensino;
- Município de Marco/CE – com a Secretaria Municipal de Educação e todos os educadores da rede municipal de ensino;
- Município de Sinimbu/RS – com todos os educadores da rede municipal de ensino;
- Município de Cachoeirinha/RS - com educadores da rede Municipal de ensino e orientadores educacionais;
- Município de Viamão/ RS – com a Secretaria Municipal de Educação; com educadores das escolas rurais, diretores, e professores da rede municipal de ensino;

- Município de Portão/RS – com Educadores da rede municipal de ensino;
- Município de Esteio/RS – com a Secretaria Municipal de Educação, Merendeiras, Serventes, Secretários, e no Projeto Sexualidade e Gênero;
- Município de Estrela/RS – com Educadores da rede municipal de ensino.

Em nossa concepção, a educação é uma construção cotidiana entre todos que convivem ou de alguma forma interagem, querem seja nas relações de trabalho, familiares, de estudos, de grupos de crescimento, de formação política, organizações e entidades classistas, entre outras. O compromisso é de todos, independente da representação social que se exerça.

Em vista disso, para que nossos projetos aconteçam o mais próximo da realidade e com maior eficiência e “resultados”, procuramos nos locais de trabalho sempre que possível inserir todos os integrantes da instituição, bem como todos que compõem as chefias, direções ou no caso dos municípios, as Secretarias correspondentes:

- para que todos tenham conhecimento do que está sendo feito e possam responder a qualquer indagação feita,
- para que conheçam nosso trabalho e saibam exatamente o que, como e porque falamos de um novo paradigma,
- para que possam usufruir dos benefícios dos encontros, mesmo que indiretamente,
- para que as equipes sejam também multiplicadoras e tenham condições de dar continuidade a estes encontros.

Existem alguns temas que com maior frequência trabalhamos, contudo, a demanda que se apresenta às vezes é outra e nós nos adequamos a esta nova realidade buscando trazer sempre a teoria para o cotidiano dos participantes.

Entre a listagem anteriormente citada de trabalhos que realizamos, selecionamos quatro experiências, para compartilhar os “resultados”.

EXPERIÊNCIA A

PÚBLICO: Membros de uma Secretaria Municipal de Educação – ano 1998

OBJETIVO: Diagnosticar as necessidades individuais das pessoas que compunham a Equipe e, em relação a estas, às necessidades da Instituição.

TEMPO DE DURAÇÃO: Um encontro de 8 horas

Diante do objetivo proposto, formulamos duas perguntas ao grupo:

- O que eu espero do meu trabalho?
- O que a Secretaria espera de mim?

Os dados foram recolhidos de forma anônima e listados em flip chart.

A estas interrogações, seguiu-se como encaminhamento:

- estas duas perguntas se correspondem entre si? (o que queremos e o que quer a Secretaria Municipal de Educação),
- estas duas perguntas se relacionam efetivamente com a realidade? Estamos conseguindo efetivar na prática tanto nossas expectativas quanto às da Secretaria?

É importante salientar que os dados que seguiram ao diagnóstico só foram disponibilizados dados a confiança e o vínculo estabelecido desde o início do trabalho.

A partir da análise feita conjuntamente consideramos que os educadores não estavam realizando aquilo que se propuseram, bem como suas funções não estavam delimitadas. Percebemos também

que o que os educadores esperavam do seu trabalho divergia do que era esperado pela Secretaria.

Seguiram-se a essa técnica, dinâmicas onde se evidenciou carência de vínculos e de conhecimento entre os colegas de trabalho.

Na parte final do trabalho utilizamos uma vivência de integração, procurando fortalecer a identidade dos participantes, bem como exercícios que estimulasse a prática da solidariedade – requisito básico para educadores que assessoram outros educadores.

Como a proposta era um diagnóstico concluímos que o objetivo foi altamente satisfatório ficando programados os encaminhamentos a serem realizados pela Secretaria. Mais uma vez percebemos o quanto esta metodologia colhe informações rápidas e precisas, de uma forma honesta e transparente, sem expor os participantes.

EXPERIÊNCIA B

PÚBLICO: Educadores de duas escolas municipais no Rio Grande do Sul, ano 1999.

OBJETIVOS:

- refletir sobre a teoria da Educação Biocêntrica na perspectiva de melhorar a qualidade de ensino na escola, reconhecendo o processo educacional como fator de transformação pessoal e social,
- fortalecer a identidade do educador e instigar o exercício da cidadania,
- favorecer um crescimento pessoal e profissional,
- propiciar o desenvolvimento do educador, a fim de despertar para a análise crítica e prática de novos paradigmas educacionais.

TEMPO DE DURAÇÃO:

10 encontros que ocorreram mensalmente aos sábados

TEMAS TRABALHADOS:

Um Novo Paradigma para a Educação;

O Grupo enquanto Organismo Vivo;

Saúde é Qualidade de Vida;

- O Educador necessário para a Sociedade Atual;
- Ética e Cidadania;
- Relações Interpessoais;
- Vivência: Coerência entre Sentir, Pensar e Agir;
- A Pedagogia do Encontro;
- Liderança e Cooperação;
- Ecologia: Cuidado e Compromisso com a Vida.

1ª Escola

Nos primeiros encontros contamos com a presença de 60 pessoas, inicialmente em caráter obrigatório (convocação).

Nossa metodologia se dividiu em dinâmicas que fizemos no início dos encontros para integrar, apresentar, e criar um clima favorável para a realização dos trabalhos. Num segundo momento houve o desenvolvimento dos conteúdos teóricos através de transparências, exposição e técnicas, através das quais discorremos sobre o assunto proposto.

No primeiro tema procuramos passar o histórico da construção e formação de um grupo e a importância deste para cada indivíduo, socialização, identidade, motivação e coesão grupal.

No segundo tema falamos sobre o que é um paradigma, as correntes e a correlação entre a educação libertadora, construtivista e biocêntrica, as conseqüentes interferências da globalização no nosso dia-a-dia e no nosso trabalho. A necessidade urgente de ampliar nossa percepção e visão de mundo, sociedade e do que queremos e do que nossos alunos estão de fato precisando para aprender a aprender, a se relacionar, a cooperar, a serem mais cidadãos.

No decorrer dos encontros e através das discussões fomos percebendo que se fazia necessário conversar sobre Saúde, então colocamos como propostas para nossas discussões o tema: “Saúde é Qualidade de Vida”. Fomos discutindo sobre este tema até sentirmos

a necessidade e curiosidade de ver como estava aquele grupo que conversava sobre a saúde como algo tão distante deles. Fizemos então no terceiro encontro, um levantamento do estado de saúde física e emocional, que individualmente o grupo preencheu de forma anônima.

Como eram 60 pessoas ficou bem fácil não haver identificações. No encontro seguinte trouxemos em transparências os resultados e conversamos com o grupo sobre eles. A partir destes dados compartilhados, traçamos uma linha de trabalho. Em cada encontro posterior, incluímos nas dinâmicas, técnicas e vivências, elementos para a estimulação da saúde e motivação em geral.

No decorrer dos encontros por solicitação dos mesmos passou-se de convocação para convite. O que, somado as dificuldades pessoais, cansaço proveniente do final de ano, pelo acúmulo de sábados trabalhados, além do descontentamento com a instituição o grupo reduziu-se em 42 participantes. Avaliamos assim, baseando-nos nas próprias colocações das pessoas e nas avaliações por escrito que fizemos ao final de cada encontro.

No penúltimo encontro, reaplicamos o questionário para uma verificação e uma avaliação global do projeto como um todo, como podemos constatar a seguir os resultados:

| Sintomas que mais apareceram | % início com 60 pessoas | Nº pessoas | % final com 42 pessoas | Nº pessoas |
|------------------------------|-------------------------|------------|------------------------|------------|
| Sente insegurança | 50% | 30 | 33,3% | 14 |
| Problemas de coluna | 46,6% | 28 | 42,8% | 18 |
| Necessidade de ser protegido | 43,3% | 26 | 30,9% | 13 |
| Sente angústia | 43,3% | 26 | 30,9% | 13 |
| Dores de Cabeça | 36,6% | 22 | 30,9% | 13 |
| Queda no ânimo | 36,6% | 22 | 16,6% | 7 |
| Sente-se irritado | 36,6% | 22 | 9,5% | 4 |
| Perda de memória | 33,3% | 20 | 21,4% | 9 |
| Tem depressão | 33,3% | 20 | 21,4% | 9 |
| Sentimento de fracasso | 30% | 18 | 9,5% | 4 |
| Sono excessivo | 30% | 18 | 9,5% | 4 |
| Dificuldades visuais | 30% | 18 | 23,8% | 10 |

Para nossa grata satisfação, o absenteísmo não foi tão alto como poderia ser, e, não apenas os índices motivacionais melhoraram, como também os índices de saúde física em geral (dores de cabeça, dores na coluna, etc.). Além disto, pelas avaliações do grupo, da instituição e nossa acreditamos ter atingido os objetivos propostos.

As avaliações das pessoas foram de um modo geral favoráveis ao trabalho ressaltando a importância da integração: “diminuir a inibição”, “derrubar a timidez e o preconceito”, “diminuir as tensões”, “conhecer de fato os colegas de trabalho”, “vivenciar mais a escola”, “metodologia”, “sorrir”, “discutir em grupo”, “refletir sobre nossas ações”, “encontrar colegas dos três turnos”, “sentir emoções”, “confiança”, “reforçar a auto-estima”, “descontração do grupo”, “abraçar as pessoas”, “poder falar o que pensamos”.

Como observações desfavoráveis temos: “ser aos sábados”, “pouco tempo de duração”, “que é um processo lento”, “que a S.M.E. não está envolvida”, “falta de valorização profissional”.

2ª Escola

O trabalho realizado nesta segunda escola foi bastante peculiar, dadas às desafiadoras condições iniciais: a direção da instituição estava sob processo de intervenção e havia divisão do grupo. Nos primeiros encontros os educadores foram convocados e nos subseqüentes houve convite, com presença facultativa. Embora não achássemos convocação a melhor forma, concordamos com a decisão da Secretaria em viabilizar os primeiros encontros, até para oportunizar que as pessoas conhecessem nossa proposta e pudessem optar por usufruir ou não de nosso trabalho.

Contamos inicialmente com a presença de 56 pessoas.

Como primeiro tema, face às informações obtidas da realidade e recentes acontecimentos que deram origem ao inquérito administrativo, além dos itens já apontados na primeira escola

enfocamos mais direta e assertivamente “O Grupo enquanto um organismo vivo”.

Neste encontro, utilizamos uma dinâmica de montagem de “quebra-cabeças” com texto elucidativo sobre “solidariedade”. Fizemos questão de separar os “subgrupos” já existentes (constatou-se divisão no grupo), dando margem a possibilidades de descoberta de novos colegas e novas formas de relacionamento. O objetivo da dinâmica era claro, descobrir soluções coletivas para situações-problema.

Nos encontros subsequentes fizemos um diagnóstico individual e coletivo da saúde propriamente dita, e em cima disto conversamos sobre as doenças da nossa civilização (Arthur Jores), Estilos de Viver e de Adoecer (Lopez Ibor) e de mudanças que apesar do contexto podemos implementar para tornar nossa vida mais saudável. Os itens que apareceram com maior frequência no diagnóstico são os seguintes:

| Sintomas que mais apareceram | % início 56 pessoas | Nº de pessoas | % final 30 pessoas | Nº de pessoas |
|---------------------------------------------------|------------------------|------------------|-----------------------|---------------------|
| Sensação de poder fazer coisas novas, mas não faz | 60,7% | 34 | 30,0% | 9 |
| Sente ansiedade | 55,3% | 31 | 23,3% | 7 |
| Sente-se irritado | 55,3% | 31 | 26,6% | 8 |
| Sente angústia | 53,3% | 30 | 30,0% | 9 |
| Descontenta-se com as coisas e as pessoas | 46,4% | 26 | 23,3% | 7 |
| Sente insegurança | 44,6% | 25 | 20,0% | 6 |
| Tem depressão | 44,6% | 25 | 26,6% | 8 |
| Problemas de Coluna | 41,1% | 23 | 26,6% | 8 |
| Dores de Cabeça | 41,1% | 23 | 30,0% | 9 |
| Tem ressentimentos | 37,5% | 21 | 23,3% | 7 |
| Perda de Concentração | 37,5% | 21 | 20,0% | 6 |
| Sente necessidade de ser protegido | 35,7 | 20 | 26,6% | 8 |

Nos dados amostrados no primeiro levantamento apareceram altos índices de insatisfação (irritação, descontentamento,

ressentimentos, etc) que se reduziram gradativamente ao final do projeto. Embora o processo de inquérito administrativo tenha se prolongado durante todo o período em que estivemos realizando nossas atividades, houve uma reflexão satisfatória no grupo, diminuindo a presença de subgrupos rivais que vinham dificultando a integração de toda a comunidade escolar.

Além dos encontros previstos, ocorreu também uma apresentação do projeto numa reunião do Conselho Escolar (educadores, pais e comunidade), comprometendo-se os mesmos naquele momento com a participação no trabalho.

Ao final dos encontros constatamos que o número decrescente de participantes se deu mais pela indefinição da sindicância e posteriormente do inquérito administrativo, pelo descontentamento financeiro com a instituição – colocando-se contra qualquer proposta advinda da Secretaria Municipal de Educação do que por não concordar ou não acreditar na nossa proposta de trabalho.

Pensamos que apesar do tempo ter sido menor do que prevíamos, do número decrescente de participantes e da crise interna proveniente do desconhecimento do resultado do inquérito administrativo, conseguimos atingir alguns dos objetivos propostos.

As avaliações das pessoas foram de um modo geral favoráveis ao trabalho ressaltando a importância da integração de grupo, “melhor relacionamento com colegas que eu não sentia muita simpatia”, “fazer e responder perguntas”, “gostei de tocar nas pessoas, pois aproxima”, “de poder contar com a força dos meus amigos”, “falei o que pensei não pensando em ser diferente dos outros”, “de estarmos todos juntos”.

Como observações desfavoráveis tivemos: “ser aos sábados”, “ser convocação”, “pouco tempo de duração”, “não ter começado no início do ano”, “que é um processo lento”, “falta de valorização profissional”, “poucos participantes”.

EXPERIÊNCIA C

PÚBLICO: Diretores, Orientadores, Supervisores e Professores de um município do Estado do Rio Grande do Sul, ano 2000.

OBJETIVO: Desenvolvimento do Projeto de Sexualidade e Gênero, dentro do Programa de Formação Continuada aos Educadores da Rede Municipal, de forma a ampliar as discussões e torná-las mais abrangente sem perder a profundidade dos assuntos.

TEMPO DE DURAÇÃO: Encontros de 04 horas mensais, de abril a novembro do ano 2000.

No primeiro encontro resgatamos o histórico do projeto e levantamos a ansiedade e necessidades dos profissionais presentes. Isto acabou originando um diagnóstico em que os professores interessados em participar listaram suas necessidades, surgindo daí o corpo do trabalho no qual procuramos casar *relacionar* os temas sugeridos, com os temas maiores: **Sexualidade e Gênero**.

Ficou assim a programação anual:

- Abril – Sexualidade e Gênero
- Maio - Agressividade e Violência
- Junho - Auto-imagem e Auto-estima
- Agosto - Identidade sexual e Identidade de Gênero
- Setembro - Preconceitos, medos e fobias
- Novembro - Funções e características do Contato e da

Carícia

A sistemática do trabalho consistiu em termos além dos encontros com os educadores das escolas, uma reunião com a equipe de coordenadores da Formação Continuada da Secretaria, principalmente com as pessoas que participavam dos encontros, para podermos juntos avaliá-lo e programar eventuais mudanças de dinâmicas e/ou conteúdos para o encontro seguinte.

Nos encontros procurávamos sempre ao iniciar, retomar o tema anterior, com nossa fala ou com alguma dinâmica, e

finalizávamos os encontros sempre com uma avaliação (aconteceu em duas ocasiões em virtude do horário, desta avaliação ficar com as pessoas para a entrega posterior na secretaria). Todas as avaliações entregues eram lidas nos encontros com a Secretaria de Educação, e estão todas na pasta do Projeto Sexualidade e Gênero na mesma Secretaria, bem como uma síntese com todas as avaliações do encontro.

Os encontros inicialmente contemplavam os três turnos, com grandes oscilações no horário noturno, o que acabou acarretando a suspensão dos trabalhos neste período. A participação dos encontros foi de um modo geral muito boa, as pessoas procuraram na medida do possível não faltar, embora houvesse em algumas escolas bastante dificuldade de liberação e por isso muitas acabavam vindo em horários diferentes. Acreditamos pelas avaliações que o maior motivo de ausências, em especial depois de junho foram as dificuldades em conciliar horários na escola.

A metodologia utilizada primou pelas exposições, discussões em pequenos e grandes grupos, leituras, dinâmicas, técnicas para aprofundarmos algum tema e vivências. Acreditamos contudo, que os grupos caminharam diferentemente. O grupo da tarde, com 34 participantes, de certa forma solicitou da nossa parte, uma abordagem bem mais vivencial do que o grupo da manhã. Para exemplificar: no grupo da manhã, com 41 participantes, em dois encontros redimensionamos o trabalho durante o andamento do mesmo, retirando totalmente as vivências e tornando a discussão e o debate sobre o assunto extremamente vivencial.

O que sentimos é que de fato tornaram-se dois *grupos*, a discutir profundamente suas questões escolares, profissionais e também pessoais, com muito vínculo e confiança no *grupo* ao qual pertenciam, porém cada qual da sua forma. Da nossa parte, nos restou respeitar o ritmo dos *grupos* e prosseguir.

Acreditamos e sugerimos que seria interessante, estes mesmos profissionais se reunirem e fazerem juntos com a Secretaria um projeto para trabalhar este tema: Sexualidade e Gênero, na escola, com seus colegas, alunos e principalmente com a comunidade (necessidade esta apresentada em vários momentos).

Terminamos o ano com muita alegria pelo trabalho realizado, acreditando que o objetivo inicial tenha sido alcançado e com a certeza de que ficaram muitas sementes férteis. Podemos dizer isto baseado nas avaliações feitas a cada encontro, pela fala e pelo próprio caminhar do grupo que em todos os encontros contavam a aplicação das nossas discussões, técnicas e vivências na escola, os “resultados” concretos junto as crianças e a própria comunidade escolar.

EXPERIÊNCIA D

PÚBLICO: Chefias e funcionários brasileiros e chineses da empresa Paramount Asia Ltd., localizada na cidade de Dongguan, na Republica Popular da China, ano 2000/01.

OBJETIVO: O desafio proposto foi a Implantação do Programa de Integração das Equipes Profissionais daquela empresa, através da metodologia da Educação Biocêntrica.

TEMPO DE DURAÇÃO: Atividade “in company” diária, de outubro de 2000 a janeiro de 2001.

O Programa se deu como parte integrante da política de qualidade da empresa, em associação a ISO9002 e SA8000 (Responsabilidade Social). A equipe foi distribuída em 4 grupos operacionais que se reuniam duas vezes por semana. Nesses encontros tivemos a oportunidade de desenvolver as relações interpessoais entre os colaboradores brasileiros e chineses.

Acreditamos, e a experiência dos fatos nos comprovou, que a Educação Biocêntrica transcende as fronteiras culturais e barreiras lingüísticas, utilizamos desde técnicas e dinâmicas às vivencias de Biodança.

Os resultados obtidos foram surpreendentes, conforme as próprias palavras dos participantes:

- Depoimento 1 : -“Que bom que temos alguma coisa pensando no bem-estar dos funcionários. Acho que talvez o curso

não va solucionar a maioria dos problemas, mas é muito positivo no sentido de estarmos fazendo alguma coisa por nós mesmos. Pessoalmente estou muito contente com o curso pois pude utilizar várias técnicas na minha rotina de vida e de uma forma geral está me ajudando a enfrentar as minhas dificuldades do dia-a-dia.

- Depoimento 2: - “Gostei da integração com outros colegas e de podermos valorizar mais nossos sentimentos. O professor é uma pessoa sensacional/equilibrado, nos transmite segurança e experiência no que faz. Relaxar um pouco. Nos faz sentir que somos humanos e não máquinas. Parar e pensar o que somos, fazemos e onde estamos. Dar mais valor ao sentimento.”

- Depoimento 3: - “Gosto da reunião do grupo. O tempo de reflexão e concentração. Se conhecer melhor como pessoa, como profissional. Direcionar e ordenar nossos objetivos de vida”.

- Depoimento 4: - “Muito bom da parte da nossa empresa criar este Programa de Integração e Desenvolvimento, gosto de participar dos encontros, me sinto muito bem participando e também de ouvir algumas palavras e frases que tocam na nossa vida e que as vezes estão esquecidas”.

- Depoimento 5: - “Acredito que o que estamos fazendo está ajudando muito na melhoria do ambiente entre nós, porque às vezes não é fácil de administrar certas coisas que acontecem no dia-a-dia. É uma maneira de conhecermos melhor uns aos outros, que antes não era fácil de acontecer, porque sempre havia os grupinhos de pessoas”.

- Depoimento 6: - “Estas horas que nos reunimos para mim são um dos momentos bons que eu tenho aqui na China, pois além de estar com todo o pessoal, estas horas me deixam com estado de espírito tranquilo”.

- Depoimento 7: - “Que bom que surgiu este trabalho para nós, pois foi uma forma de integrar o grupo muito legal. Com esse

trabalho tenho certeza que todos os colegas se conheceram melhor e acima de tudo, se respeitam mais.”

• Depoimento 8: - “Que bom que neste ano surgiu este programa que nos ajuda de certas formas. Eu nunca havia participado deste tipo de programa ou similar. Eu vejo a extrema boa vontade do professor em querer nos ajudar. Que bom que alguém na empresa, creio o Gerente Geral, tenha oportunizado este programa. É bom saber que o professor se preocupa com o nosso bem-estar.”

A implantação do Programa foi estabelecida em quatro meses, com um alto índice de satisfação tanto para nós como para os funcionários e o presidente da empresa. Atualmente o Programa é mantido com um acompanhamento à distância e periodicamente atualizado com a atuação “in company”.

Relatamos propositalmente experiências com públicos, temáticas e épocas distintas para confirmar a nossa constatação de que esta metodologia além de atingir os objetivos teóricos, discorrer sobre algum tema, fazer diagnóstico, provocar discussão e leitura sobre determinados assuntos, consegue fazê-lo de forma biocêntrica, ou seja, centrada na Vida, com a escolha dos autores e de textos, de técnicas e dinâmicas que trabalhem o saudável, valorizando e qualificando sempre.

Ao final de cada trabalho, tenha se realizado em um dia ou em um ano, conseguimos colher muitos frutos e mais que isto, o nosso objetivo principal: semear muitas sementes de vida, amor, luz, esperança e solidariedade, num mundo tão carente do verdadeiro encontro e da verdadeira Educação.

ESPÍRITO E NATUREZA: UM REENCONTRO?

Feliciano E.V. Flores

Ouso tomar por empréstimo uma parte do título do livro de Gregory Bateson, antropólogo americano (1904-1980), para dar um nome às reflexões que pretendo apresentar a seguir. O título original do livro é “*Espírito e Natureza: uma unidade necessária*” mas o tema a ser desenvolvido neste ensaio não está diretamente relacionado ao seu conteúdo.

No entanto, o título é muito inspirador e, ao considerar a proposta de Bateson de uma “unidade necessária”, logo me vem a idéia de que espírito e natureza estão, no consenso geral, definitivamente separados.

Nossa visão de mundo atual é fortemente marcada por dicotomias, separando corpo e alma, matéria e espírito, natureza e humanidade, sagrado e profano, imanência e transcendência, etc.

Entendo que estas dicotomias são mais uma indicação de uma polaridade do que uma oposição de contrários ou separação de unidades isoladas.

O trânsito de um polo ao outro faz parte do ciclo vital e de nossa vivência cotidiana. Nosso ser, como um todo, pode passar da vigília ao sono, da plena consciência ao devaneio, da percepção concreta do real à dissolução mística na transcendência.

“Não esqueça que a gota pode saber que está no oceano mas raramente se dá conta de que o oceano todo está nela” (Ma Amanda Moy, citada por Graf Dürckheim em *‘Dialogue on the path of Initiation’*).

A possibilidade de percebermos que somos a gota e somos todo o oceano é que nos possibilita ora o contato consciente com a realidade, ora o fundir-se no todo ao qual pertencemos.

Se aceitamos, então, com Bateson, a necessidade de uma união, como promover este reencontro, esta fusão, esta retomada da concepção de unidade?

Tentando fazer uma reflexão pessoal, reporto-me a um livro publicado em 1980, de autoria de Marilyn Ferguson, e intitulado *“A Conspiração Aquariana”*. Nele, a autora se referia ao surgimento de grupos de discussão, de reflexão, de revisão filosófica, de busca de retomada de valores humanos e de esforço para melhorar as relações sociais. Ela escrevia:

“... uma rede subterrânea vem trabalhando para criar um diferente tipo de sociedade, baseada em um conceito vastamente ampliado do potencial humano”.

Ela intuía e ao mesmo tempo constatava que, naquele momento histórico, estava ocorrendo um movimento subterrâneo, subversivo, conspiratório, de gente que buscava reencontrar sua “humanidade”, isto é, sua característica de “ser humano”, em um mundo que parecia tê-la esquecido.

A década de 90 deu razão a Ferguson, sendo marcada por manifestações que podemos considerar como a emergência daquele movimento subterrâneo: as livrarias tiveram que criar um espaço especial para a literatura de “auto-ajuda”; as lojas de disco acrescentaram nas prateleiras o título “new age”; os fins de semana passaram a ser ocupados com cursos, oficinas, palestras e “vivências” sobre processos de transformação pessoal. Surgiram as ONGs, o movimento ecológico se fortaleceu: na prática, com a ação combativa do Greenpeace; na teoria, com os conceitos filosóficos da Ecologia Profunda.

Paralelamente, uma literatura mais acadêmica começou a apontar caminhos teóricos mais modernos para as concepções científicas. Nomes como Kuhn, Hawking, Bohm, Prigogine, Monod,

Capra, Maturana, Varela, Morin, Hillman, entre outros, começaram a ser citados em discussões de intelectuais e mesmo do dito público geral.

O mundo “real” ao redor balançava entre duas atitudes. Uma, de negação, seja pela crítica fundamentada, seja pela desqualificação preconceituosa, seja pela idéia simplória do “não vi e não gostei”. Outra, de constatação interrogativa, de observação metódica e de avaliação com mente aberta.

Assumindo esta segunda atitude, mais condizente com o bom senso, podemos buscar uma possível explicação para a emergência destes fenômenos.

Por um lado, constatamos (e leituras nos informam) que o mundo contemporâneo, talvez a partir da Revolução Industrial, voltou-se “para fora”. Os interesses estavam (ou ainda estão...) todos direcionados para a materialidade, para a construção física da *polis*, para a tecnologia, para a acumulação de bens. Enfim, para uma cultura do “ter”.

Por outro lado, sabemos que o ser humano, por *ser* humano, pensa, raciocina, questiona-se e não pode escapar da eterna pergunta: quem sou eu? Há uma necessidade intrínseca de voltar-se “para dentro”, de buscar o que se é, de descobrir sua essência, o ser.

Este anseio, ao meu ver, é que deu origem, no seio de um “mundo de concreto”, à conspiração intuída por Ferguson.

Tentando me situar dentro destas transformações, busco refletir sobre mim mesmo usando de uma dicotomia para encaminhar a um reencontro.

Ao perguntar-me ‘quem sou eu?’, decido considerar primeiramente minhas características ditas **biológicas**, isto é, aquilo que em mim é definido como “natureza”.

Sou um *ser vivo*, um *organismo*, ou seja, as partes são organizadas para formar um todo. Sou um *animal*, o que quer dizer que sou classificado como pertencente a um dos cinco reinos biológicos. Sou *sensível*, o que significa que percebo o meu entorno (ambiente), através de mecanismos sensoriais (sentidos) coordenados por um sistema nervoso, e com seus elementos me relaciono.

Como organismo animal sensível, sou o resultado de múltiplas coincidências e encontros. Antes de mim, outros

organismos animais sentiram mutuamente suas presenças, se relacionaram e deram origem ao meus ancestrais. Assim, além de ser parte do corpo de meus pais (duas células vivas que se fundiram), sou parte de todos os que me precederam pois, nesta continuidade, não há interrupção do fluxo da vida. Paradoxalmente, sou **todos** mas sou **único**. Pela genética, sou um resumo de toda a humanidade que me precedeu na linha de progênie. Pela identidade, sou único, sem que haja outro igual a mim.

Se examino minha estrutura material, verifico que minhas moléculas orgânicas são formadas pelos mesmos átomos que constituem o restante da matéria do universo. Estes átomos, de acordo com as teorias mais recentes, foram e são gerados nos processos de evolução de uma estrela. Portanto, materialmente, atômicamente, sou filho das estrelas, rebento do universo.

Minhas características materiais e biológicas definem minha natureza: um ser que manifesta a vida. *Minha natureza é manifestar a vida em mim.*

A seguir, passo a considerar em mim outro tipo de características. Pelo fato de “dar-me conta”, de ter uma consciência, de poder pensar e refletir, eu possuo características que podem ser chamadas de **existenciais**, ou seja, aquilo que podemos chamar de “espírito”. Não estou aqui me referindo a uma entidade separada de meu corpo, mas àquelas características que me distinguem dos demais animais do meu grupo biológico e que me permitem ser denominado “**ser humano**”.

Por *ser humano*, eu me percebo com potencialidade de evolução individual, com capacidade de criar coisas novas e transformar meu entorno a partir de projetos inéditos, mais além do agir instintivo dos outros animais. Minha animalidade pode, então, ser “espiritualizada”. Minha sensorialidade se transforma em “sensibilidade”. Meus instintos se expressam em “emoções” que evoluem para “sentimentos”. Como humano, sou um ser de consciência e imaginação. E dentro de mim se manifesta um anseio por algo mais, por “perfeição”. Este anseio me move para a busca de minha essência, para um “ir além” de mim mesmo, para o encontro de meu espírito. *Meu espírito é a transcendência de mim mesmo.*

Neste ponto, gostaria de citar Humberto Maturana, neurofisiólogo chileno, que disse, em uma palestra:

“El ser animal no niega lo espiritual; lo hace posible como un modo de vivir; las máquinas no son animales y no tienen vida espiritual posible, nosotros podemos tener vida espiritual precisamente porque somos animales y como animales tenemos un modo de vivir espiritual”.

As características descritas acima poderiam, talvez, ser resumidas em três aspectos essencialmente humanos:

- a necessidade de ressonância com suas origens, reconhecendo-se e assumindo-se como um organismo resultante de uma evolução biológica;

- o anseio pela transcendência, como necessidade de uma evolução no plano pessoal, filosófico, artístico, cultural, espiritual;

- a identidade, como consciência da própria existência e da existência de outros que me reconhecem como único e me *identificam*.

O encaminhamento do reencontro, como dito acima, se constitui no meu processo de busca de realização de meus anseios existenciais. Como eu deveria fazer esta busca? O que pretendo encontrar? Onde quero chegar? As duas últimas perguntas não têm respostas. O processo de transcendência não é teleológico. É basicamente utópico, idealista, fantasioso até. Mas é humano, marcadamente humano. E é por isto que me lanço nesta busca.

O que busco não é aquilo que chamamos “crescimento pessoal”, porque nada é acrescentado. Busco o que já está em mim, busco um desvelamento, uma redescoberta, um revelar-me a mim mesmo.

Para isto, portanto, só posso partir do que sou, assumindo-me com meus potenciais e minhas fraquezas, com minhas luzes e minhas sombras, com minha beleza e minha feiúra. Parto do que sou biologicamente e existencialmente.

O caminho a ser feito, no entanto, só pode ser o da autenticidade, sem modelos (pois ninguém é como outro), mas com um princípio norteador, ao qual logo me referirei.

O caminho da autenticidade requer uma conexão profunda comigo mesmo, procurando perceber minha capacidade de sentir, de me emocionar.

Cito novamente Maturana que afirma em seus escritos que as relações entre os seres humanos de definem, em cada caso, por uma configuração particular do *emocionar*.

Nesta conexão com minhas emoções, percebo mais profundamente minha natureza que é manifestar a vida. A vida, pulsando em mim, é um fenômeno tão extraordinário, tão maravilhoso, que é o que realmente se pode chamar de milagre. Olhando-me como ser vivo, eu percebo todas as potencialidades de movimento (nos gestos), de locomoção (no caminhar), de percepção (no ver e ouvir), de comunicação (no falar), de encontro com o outro (no reconhecimento e no amor).

A vida em mim torna-se, então, o valor supremo, o princípio norteador de minha caminhada em busca da essência.

O valor imenso deste dom precioso me inspira ao cuidado comigo mesmo, à proteção do meu ser físico (corpo, saúde) e espiritual (“alma”, essência). Do mesmo modo, me revela *potenciais de vida* com os quais posso me conectar e vivenciar com maior plenitude. A caracterização destes potenciais, eu busco em Rolando Toro, eminente psicólogo e antropólogo chileno, sistematizador da Biodanza:

- a sensação eufórica de estar vivo e o ímpeto vital que me faz estar-no-mundo com coragem, alegria e entusiasmo - a minha Vitalidade;

- o prazer sensorial de relacionar-me com o mundo e com os outros manifestando minha capacidade de desejar, buscar e desfrutar as coisas boas da vida - a minha Sexualidade;

- a possibilidade de criar coisas novas, de participar na transformação do mundo, de expressar-me pela arte - a minha Criatividade;

- a alegria da relação afetiva, da amizade, do amor, do vínculo com meus semelhantes, da solidariedade e do altruísmo – a minha Afetividade;

- o anseio pela transcendência, pela busca da harmonia existencial e da integração à humanidade e ao universo – a minha Transcendência.

A vivência mais plena destes potenciais de vida só é possível na relação com o outro, pois é o outro que me reconhece, que me identifica. Identidade é o si-mesmo-no-mundo, é presença percebida, é o estar aqui e agora no sentir-se e no ser reconhecido pelo outro. A identidade, portanto, só é frente a outra identidade.

Estar frente ao outro, vivenciando minha identidade e possibilitando ao outro a vivência de sua identidade pelo meu reconhecimento, é realizar o que Maturana denomina uma *configuração particular do emocionar*. E são dele as citações que seguem:

“La historia evolutiva humana tiene que haber transcurrido y ha transcurrido bajo una emoción fundamental que ha hecho posible la convivencia humana y esa emoción fundamental es el amor.” (citação de uma palestra).

“Este é o fundamento biológico do fenômeno social: o amor. Sem amor, sem aceitação do outro ao nosso lado, não há fenômeno social, e sem socialização não há humanidade”. (Maturana & Varela, *‘A árvore do conhecimento’*).

O amor, portanto, é um potencial de vida e uma expressão do espírito, é fundamento biológico de convivência e manifestação transcendente do *ser humano*.

Retomando, meu espírito é a transcendência de mim mesmo. Minha natureza é manifestar a vida em mim.

A vida só se manifesta realmente no encontro, no amor.

Assim, o amor expressa a natureza e o espírito.

No **amor**, minha **natureza é espírito**.

Este é o reencontro, a síntese, a anulação da dicotomia, a unidade necessária.

(Resumo da palestra apresentada no evento de instalação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Espiritualidade, da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, em 28 de junho de 2000.)

VIVENCIANDO EM ORGANIZAÇÕES

João Carlos Vieira Machado

Cada vez mais se tem notícia sobre “abordagens vivenciais” aplicadas ao meio empresarial. Ao mesmo tempo, inúmeros são os construtos que dão suporte a essas atividades, desde abordagens enquadradas nos chamados critérios de cientificidade até as não menos apoiadas por argumentos contundentes, mas consideradas não-ciência e aceitas por grupos especiais, cujas características são, no mínimo, muito peculiares.

Por conta disto, inúmeros argumentos têm surgido na tentativa de esclarecer o que significa, afinal, uma “atividade vivencial”, para que serve e de que forma podem ser desenvolvidos programas de capacitação nos quais a mesma possa ser “vivenciada”.

Aliás, este é um dos argumentos básicos: a verdadeira “atividade vivencial”, pelo seu próprio nome, só pode mesmo ser “vivenciada” por quem estiver dela fazendo parte e acontece com a dinâmica estabelecida pelas pessoas a cada instante. Quem quer que desempenhe o papel de facilitador nesse contexto, tão somente irá sugerir um processo, o qual se desenvolverá segundo a disponibilidade dos participantes.

Fica assim estabelecido um princípio imprescindível para a caracterização dessa atividade: é preciso que as pessoas se sintam integradas a ponto de confiarem umas nas outras, conseguindo “entrar” na proposta oferecida. Além disso, é importante ir além de

alguns pressupostos tradicionalmente preconizados pelos sistemas sociais de modo geral, principalmente os que tratam de aspectos relacionados com “educação”, poder e controle.

Historicamente, tanto abordagens filosóficas, como teológicas ou políticas, entre outras, foram aceitas na medida em que buscavam compreender o todo mediante modelos hierarquizados e focalizados. Assim, desde o crescimento a partir de idéias múltiplas e mutáveis para as idéias unas e imutáveis segundo Platão, passando pela purificação dialética dos sentidos para chegar ao espírito absoluto como queria Hegel e até mesmo nas abordagens esotéricas com seqüência de vórtices energéticos do Tantra Yoga, preconiza-se uma abordagem contínua e progressiva como condição básica para que alguém possa atingir um pleno encontro consigo e com o resto do mundo.

Abordagens como essas contribuíram, ao longo da história, para a aceitação de que “alguém, alguma coisa ou algum aspecto” sempre estará acima, num plano mais elevado e portanto, determinará o rumo “de outro alguém, outra coisa ou outro aspecto”, deixando caminho livre para que a escravidão, a extorsão, o julgamento, a discriminação e muitos outros mecanismos de dominação, opressão e exclusão, pudessem se justificar e terem sido a linha mestra de muitos modelos de estrutura social, quer políticos, econômicos, jurídicos, educacionais, religiosos ou organizacionais.

Diferenças na aplicação desses mecanismos têm ocorrido ao longo do tempo, porém, em muitas situações ainda, o princípio gerador de que alguns possam ter supremacia sobre outros e que para chegar àqueles são necessárias determinadas condições e concessões, tem permanecido.

Importante para esse contexto, se tornou o ensaio de Kuhn (1978), quando flexibilizou os critérios de cientificidade, em particular no tocante à delimitação entre a ciência e não-ciência, com a não-cumulatividade do saber científico e as rupturas freqüentes em seu contexto. Enfatizou que as mesmas ocorrem de forma descontínua e revolucionária, denominadas mudanças de paradigma e desta forma anunciou concepções efetivamente novas de mundo a serem vislumbradas.

Nessa direção, percepções, constatações e teorias têm questionado conceitos fundamentais, como a física moderna com sua abordagem quântica, teoria do caos e elementos com características do todo infinitamente multiplicadas, auto-semelhança, indeterminação e complexidade, convivendo simultaneamente e desafiando modelos construídos pela lógica formal.

Concepções como essa se confirmam também nos sistemas biológicos complexos e sua identificação com os sistemas sociais, onde, segundo Capra (2002, p. 272), “perturbações significativas podem desencadear múltiplos processos de realimentação que podem produzir rapidamente o surgimento de uma nova ordem”.

Na biologia, merecem destaque ainda as considerações de Maturana (1987), onde a autopoiese e a adaptação são condições necessária à existência dos seres vivos, que se verifica mediante uma “deriva natural”.

Para que se possa, então, delinear uma estrutura conceitual integrando as dimensões biológica, cognitiva e social, nas perspectivas da forma, matéria, processo e conteúdo, permitindo uma compreensão unificada da vida, Capra (2002, p. 267, afirma que “as redes metabólicas dos sistemas biológicos correspondem às redes de comunicações dos sistemas sociais; que os processos químicos que produzem estruturas materiais correspondem aos processos de pensamento que produzem estruturas semânticas; e que os fluxos de energia e matéria correspondem aos fluxos de informações e idéias”.

Por estes pontos de vista, o condicionamento social e cultural se reflete nas estruturas biológicas, remetendo para uma postura dialética resultante da relação indivíduo x totalidade. No âmbito individual, uma coordenação entre as funções biológicas do organismo e sua adaptação às necessidades de sobrevivência se dá, segundo Toro (2002, p. 42), mediante a articulação do neocéfalos e do arquicéfalos. Buscando estabelecer relações entre o organismo humano complexo e o sistema Biodanza por ele criado, o autor afirma que "o sistema integrador-adaptativo límbico-hipotalâmico é estreitamente ligado à expressão dos instintos, das vivências, das emoções e dos afetos. Ele contribui para a consolidação dos modelos de comportamento e influi sobre o córtex cerebral através de suas conexões neocorticais. O córtex cerebral (neocórtex) tem, por sua

vez, funções inibidoras que agem sobre esse sistema e podem modelar o comportamento por meio de estímulos conscientes”.

Se a concepção de que caos e ordem, autopoiese e adaptação ou sistema límbico e córtex cerebral, constituem aspectos presentes em um mesmo ser, há que se encontrar propostas capazes de, como queria Chardin (1988), pesquisar as condições de funcionamento e promover a ativação das energias humanas, o que implica em resgatar fluidez, flexibilidade e sensibilidade para promover, tanto uma consciência intensificada que propicie “saltos quânticos”, quanto uma possibilidade para “diluição cósmica (regressão)” capaz de permitir novas descobertas.

Neste sentido, recorrendo aos conceitos da criatividade e ampliando a idéia de divergência e convergência preconizada por Guilford (1977), se compreendermos a atuação do córtex no que chamou de pensamento convergente e do sistema límbico em seu “pensamento” divergente, podemos conceber uma deriva natural como síntese de um movimento oscilatório entre diversificação e singularidade.

Esta alternância oportuniza cada indivíduo a ir além da racionalidade predominante, para entrar em contato com sua emoção, facilitando um movimento de “ir e vir” entre a percepção, tanto de um universo biologicamente organizado como em criação permanente, tornando-o, como defende Toro (2002, p. 88), “ao mesmo tempo, a mensagem, a criatura e o criador”.

Essa conexão com o todo (divergência, diversidade, diversificação), e o comportamento decorrente das escolhas (convergência, singularidade), permitem ao homem entrar em contato com suas possibilidades, rompendo um paradigma segundo o qual é preciso convergir de forma ascendente e ininterrupta, muitas vezes sem espaço para questionamento e na direção do que já fora estabelecido por alguém.

Este processo, entretanto, de divergir, convergir, novamente divergir e assim sucessivamente, precisa acontecer de acordo com um método que permita ir além de uma postura diretiva e única e possa, de forma intermitente, oferecer oportunidade para a percepção das alternativas que se apresentam após um salto decorrente de uma

escolha. Um elemento chave desse processo a ser incorporado no método refere-se, portanto, à “abordagem vivencial”.

Esta característica se constitui na base para a ação divergente, uma vez que a integração entre sistema límbico e córtex pode promover, tanto a liberação de emoções e afetos como a modelagem de comportamento, também a divergência pode se dar predominantemente pela atividade límbico-hipotalâmica e a convergência pela atividade cortical. Se na vivência, conforme concebida por Dilthey, as partes integrantes e complexas da vida psíquica humana não são inferidas ou investigadas pelo pensamento, mas simplesmente vividas, a divergência, por ser vivencial, passa a ser o aspecto fundamental desse novo paradigma.

Até mesmo a convergência nem sempre será predominantemente cortical, pois existem exercícios vivenciais que permitem, a partir de uma consciência intensificada, entrar em contato com escolhas. Ocorre entretanto, que, apesar de consolidar as descobertas oriundas da percepção pela vivência, por conta dos condicionamentos sociais, a pessoa prossegue em direção à racionalidade, necessitando de outras propostas que podem promover preparação para esse “essencialmente vivencial”.

Um exemplo de proposta preparatória, em nível significativamente cortical, pode ser constatado pela dinâmica dos grupos, onde, segundo Schutz (1978, p. 11), se dá o “encontro”, considerado como “um método de relacionamento baseado em abertura e honestidade, consciência de si mesmo, responsabilidade por si mesmo, percepção alerta do corpo, atenção aos sentimentos e ênfase no aqui e agora”. Como processo, o autor identifica três necessidades interpessoais que denominou inclusão, controle e afeição, as quais se manifestam em comportamentos e sentimentos para com outras pessoas e estão arraigadas no auto-conceito de cada indivíduo.

A inclusão refere-se a sentimentos quanto a ser importante, ter significado ou mérito; o controle relaciona-se a sentimentos de competência (inteligência, aparência, praticabilidade e habilidade para enfrentar o mundo); e a afeição está relacionada com o fato de uma pessoa sentir-se amada ao revelar sua essência. Posteriormente, esse autor passou a utilizar, para aplicação em organizações, o termo

"abertura" em lugar de afeição. Segundo ele, mesmo antes de laços afetivos, as pessoas podem desenvolver um clima de confiança recíproca por se sentirem aceitas e interdependentes, umas em relação às outras.

Na maioria das vezes, é nesse clima de abertura e na conseqüente disponibilidade para a vivência que podem ser desenvolvidos programas em organizações voltados para as atividades vivenciais. Quando isto não ocorre, o processo fica restrito ao que se pode denominar atividades experienciais, isto é, mais voltadas para uma abordagem consciente, não tendo, predominantemente, a pulsação “regressão, consciência intensificada, regressão”, característica fundamental para que uma atividade possa ser considerada vivencial.

Cabe ressaltar, portanto, que ao invés de um conteúdo pronto a ser “empurrado” para os colaboradores, há que se ir flexibilizando desafios e propostas a partir da disponibilidade expressa pelo grupo.

Visando atender às necessidades de uma empresa de transporte coletivo, um programa experimental foi apresentado, no qual, mesmo constando fases de desenvolvimento, houve cuidado para disponibilizar em cada uma, a possibilidade de manifestação de conteúdos indicadores das escolhas feitas pelos participantes.

Em cada fase do programa, havia conteúdos, tanto relativos aos aspectos técnicos da organização como referentes a atividades vivenciais. Cada módulo, com duração de três horas se iniciou com atividades vivenciais e após um intervalo, as questões relativas às funções de cada um na organização foram debatidas. Com esta metodologia, se buscou a divergência pela atividade vivencial, onde cada participante foi convidado a entrar em contato com um todo relacionado ao tema. Após essa percepção, aconteceram reuniões para expressão verbal do que desejavam, empregando técnicas para divergência dos conteúdos.

Com uma duração de quinze horas/aula e por um período de dois anos em cerca de vinte turmas, num total aproximado de quatrocentos participantes, o programa se desenvolveu de acordo com as seguintes fases:

| FASE | OBJETIVO |
|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I | Facilitar ao participante a auto-percepção, o conhecimento dos demais participantes, a distinção de características pessoais e o encontro de seu lugar no grupo. |
| II | Propiciar a expressão das percepções a respeito das organizações (instituições), da função pretendida na organização em estudo e de sua participação no contexto. |
| III | Facilitar o contato com normas e regulamentos, com as possibilidades de escolha e com necessidades de mudança. |
| IV | Facilitar a distinção e a interação entre o potencial individual e o compartilhamento (equipe) |
| V | Facilitar a elaboração de planos, o comprometimento mútuo e a preparação para agir. |

A partir da identificação desses conteúdos originados livremente, técnicas de convergência foram aplicadas para que as escolhas pudessem ocorrer, se não por consenso, pelo menos de forma democrática. Para o encerramento, quando houve disponibilidade por parte do grupo, foi oferecida nova atividade vivencial, caso contrário, os trabalhos foram concluídos com um exercício experiencial .

Apesar de não ter sido desenvolvido unicamente com atividades vivenciais, o programa apresentou alguns efeitos, constatados mediante pesquisa junto aos participantes, decorrido um ano após o término do programa. O instrumento de avaliação consistiu em comparar conteúdos concentrados sob quatro alternativas, cujo significado revelava o grau de flexibilidade para mudanças informado pelos participantes. Esses dados estão resumidos no quadro a seguir:

| Significado das alternativas | % | |
|-----------------------------------------------------|-----------|-------------|
| | no início | um ano após |
| 1 - Com baixa integração | 14,73 | 13,81 |
| 2 - Resistentes à mudanças | 19,20 | 18,14 |
| 3 -Conscientes para mudanças, sem saber o que fazer | 34,79 | 33,66 |
| 4 - Flexíveis e abertos a mudanças. | 31,28 | 34,39 |

A redução na percentagem relativa aos significados constantes nas três primeiras linhas, seguida do crescimento ocorrido unicamente na última alternativa, indica sensível migração em direção a uma maior flexibilidade e disponibilidade para mudanças.

Resultados como esse são de grande importância nas organizações, uma vez que, segundo Capra (2002, p. 138), “...o ambiente empresarial atual, com suas turbulências e complexidades e sua ênfase no conhecimento e no aprendizado, também é um ambiente em que a flexibilidade, a criatividade e a capacidade de aprendizado que sempre acompanham a vitalidade da organização tornam-se mais necessárias”.

Procurando proceder a uma avaliação mais qualitativa, foi empregado um outro instrumento constituído de um questionário, onde se buscou verificar a imagem da organização junto a seus colaboradores. No início do programa, opiniões como, por exemplo, a de que seria “importante o companheirismo entre colegas” estava em décimo sétimo lugar e após um ano, subiu para terceiro. Igualmente, a opinião de que existiam muitas “fococas e falta de confiança entre colegas”, antes em terceiro lugar, baixou para o quarto lugar no ano seguinte.

A importância do programa apresentado, principalmente para aqueles que dele participaram, consistiu em revelar maior abertura em relação à percepção de alternativas e, conseqüentemente, de melhores possibilidades quanto a escolhas do que realmente era significativo para cada um naquela organização. Expressões de contentamento verbalizadas como “aprendendo e mudando junto” ou “transitando juntos da razão para a emoção” foram comuns no decorrer das atividades, indicando também sua disposição para trabalhos cooperativos.

Os resultados verificados permitem relacionar as experiências dessas pessoas com a história biossocial por elas vivenciada em seu meio, levando a citar mais uma vez Maturana (1987, p. 148), para quem “... todo mecanismo de geração de nós próprios como agentes de descrições e observações nos explica que nosso mundo, bem como o mundo que produzimos em nosso ser com outros, sempre será precisamente essa mescla de regularidade e mutabilidade, essa combinação de solidez e de areias movediças, tão própria da experiência humana quando examinada de perto”.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1991.

CAPRA, F. As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CHARDIN, T. O fenômeno humano, São Paulo, Editora Cultrix, 1988.

GUILFORD, J. P. La naturaleza de la inteligencia humana. Buenos Aires: Paidós, 1977.

KRAUSZ, R. Diagnóstico Organizacional – manual de aplicação e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MATURANA, H.; VARELA, F. A árvore do conhecimento. Campinas: Workshopsy, 1987.

MORA, J. F. Dicionário de filosofia. Tomo 1, Madrid. Alianza Editorial S.A., 1984.

MOTOYAMA, H. Teoria dos chakras: ponte para a consciência superior. São Paulo: Pensamento, 1990.

SCHUTZ, W. C. Psicoterapia pelo encontro - um guia para a conscientização humana. Rio de Janeiro, Editora Atlas S.A., São Paulo, 1978.

TORO, R. Biodanza. São Paulo: Olavobrás, 2002.

WECHSLER, S. M. Criatividade: descobrindo e encorajando. Campinas: Editora Psy, 1998.

POESIAS

Lilian Rose Marques da Rocha

EM / MOÇÃO

Ao mover-me
Sinto
E assim expresso
O meu pensamento...
E tenho forças
Para pulsar
Do repouso
Para o limite....
Rompendo couraças
Amadurecendo
Em plena vivência.

Mergulho
Em minha essência
E pressinto
Que a vida em movimento
Nada mais é
Do que o mais puro
Sentimento....
Materializado
Em pensamento
E transformado
Em ações....
Já que energia
Não se cria
Apenas se transforma
Da noite para o dia....
Emociona-me
A Dança da Vida
Pois permite
Que eu sinta
O estímulo
Do estar vivo...
Pois se existo
Posso sentir
E sentindo-me
Danço...movo-me

Ao encontro do outro....

De eu mesma

E penso

L'émotion de la vie

C'est la propre vie.

BIODANÇA

Sinto a alma cheia

Como lua que ilumina

Não só os meus passos

Mas os nossos corpos por inteiro;

Que dançam

A magia da vida

Em compassos lentos

De corpos suados,

Úmidos

Da fonte

De onde

Tudo se origina.

Seria isto BIODANÇA?....

VITALIDADE

Não sei por que
A vida
Mostrou-me
Caminhos
Tão diversos....
Só sei
Que tenho
Um compromisso
Com o vital
Com a plenitude
Com o entusiasmo
Com o prazer....
Por mim
E pelos os que
Convivem comigo
E mais ainda
Com o Universo.
Talvez
Nestes caminhos
Múltiplos que se apresentam
Eu possa
Experimentar
A minha seriedade

E por que não?
O meu lado jogoso
A minha feminilidade
A minha vitalidade
O meu impulso pela vida....
Sem culpas
Sem medos
Simplesmente
E totalmente
De forma saudável.
Aprendendo
E ensinando
O que a vida
Até hoje
Permitiu-me
Desfrutar
E desnudar
O que ainda
Há de vir....
Que a luz
Se faça estrela
Originando a vida
Dos seres
Brilhantes
Que teimam

Em acreditar
Na grande conexão
Existente
Entre o impulso
Vital
E o Divino.

INTEGRAÇÃO DO FEMININO

Myrthes Gonzalez

A busca da integração do feminino é algo mais profundo do que a simples reunião de mulheres em torno desta temática. Este trabalho cumpre dois caminhos. Um primeiro que é a busca da integração do princípio feminino, negligenciado por nossa cultura. Ou seja, retomar valores abrangentes ligados ao feminino, como a sensibilidade e o cuidado pela vida. O segundo é a retomada da reunião de mulheres num sentido ritualístico e iniciático. Ser mulher e celebrar o feminino em si. Neste sentido constitui-se a casa das mulheres. Uma casa não localizada no tempo e no espaço. Mas um lugar ritual, onde cada participante pode contatar com valores próprios de seu gênero, a partir da convivência solidária com outras mulheres.

INTRODUÇÃO

A abordagem teórica que apresento aqui, de forma resumida, diz respeito a um trabalho que desenvolvo há alguns anos em grupos de final de semana exclusivos para mulheres. Embora, na maioria das vezes, este trabalho encontre ressonância com as necessidades das

mulheres e respeito por parte da maioria dos homens, que vêm no trabalho com grupos de gênero uma oportunidade diferenciada de auto conhecimento, me deparei algumas vezes com pessoas incomodadas e, às vezes, indignadas com a possibilidade de se trabalhar identidade de gênero com grupos somente de mulheres ou somente de homens.

É preciso saber que este é um tipo diferenciado de encontro dentro da estrutura teórica da Biodança. São celebrações altamente ritualísticas, de caráter iniciatório, que devem somar à estrutura de cursos e grupos regulares mistos. Não considero válido, no contexto de um processo de integração global, grupos permanentes somente de homens ou de mulheres.

Este artigo visa posicionar o trabalho da **casa das mulheres** como um poderoso facilitador da emergência da identidade feminina, o que o diferencia em muito da vulgar conotação de “clube da luluzinha”.

PARA COMEÇARMOS: A HISTÓRIA DO FEMININO

Quando observamos a forma de organização social, em nossa cultura, percebemos um tipo de relação que se estabelece entre homens e mulheres, uma organização social, econômica e política que tem como características as relações de poder e de submissão. Olhamos a história da humanidade e percebemos um longo caminho evolutivo deste tipo de relação. Podemos chegar à conclusão de que a humanidade sempre foi assim; cruel, destrutiva e contraditória, como demonstra nossa história.

Mas se observarmos realmente toda nossa evolução histórica vamos ver que nem sempre foi assim. Voltemos cinco mil anos atrás e veremos em nossa pré-história um tipo de organização diferenciado. A existência de culturas pacíficas, voltadas à comunidade e à celebração dos ciclos naturais vistos na representação da grande deusa mãe terra. Ou seja, naquela época deus era mulher, a divindade era simbolizada no feminino.

Os primeiros historiadores a perceberem esta diferenciação colocaram que seria uma sociedade matriarcal, como oposto

completo de nosso atual patriarcado. Mais tarde chega-se à conclusão de que em realidade a organização das relações de poder nesta época é completamente diferenciada da que ocorre hoje. Em realidade não havia a qualificação de um gênero sobre a desqualificação de outro. Possivelmente haviam papéis definidos para homens e mulheres na estrutura social, mas o reconhecimento do saber. O poder de decisão era atribuição de ambos os sexos. Os historiadores chegaram à conclusão de que em realidade eram culturas matrilineares, ou seja, a linhagem é definida pela mãe. Possivelmente essa estrutura familiar não permitisse identificar com certeza o pai de cada criança. Talvez mesmo se desconhecesse o papel do homem na geração da vida. Mas o mais provável é que dentro de uma organização comunitária, onde as crianças são responsabilidade do grupo e a sexualidade não obedece a regras morais coercitivas, a paternidade fosse algo irrelevante.

A história de nossa civilização começa com a descoberta da agricultura e a fixação de populações, antes nômades, em agrupamentos na beira dos caudalosos rios da Mesopotâmia. Neste primeiro momento já havia o culto de deuses masculinos e femininos. Através desta mitologia primitiva percebemos que neste momento a mulher continua a ter importante papel na organização social. A celebração orgiástica das colheitas fala de uma sexualidade liberta de relações de poder. Há uma curiosidade nos sítios arqueológicos destas culturas, uma expressão artística desenvolvida e uma contrastante ausência de ossadas que demonstrem mortes violentas, quando comparado com períodos posteriores. A civilização que habitou a ilha de Creta nesta época, ainda oferece sítios arqueológicos preservados que testemunham este período.

Na mesma época grupos humanos vagavam ainda nômades pelas regiões frias das estepes. As condições naturais eram desfavoráveis ao desenvolvimento da agricultura e conseqüente fixação à terra. Estes povos desenvolveram, então, rebanhos com os quais percorriam infindáveis distâncias fixando-se somente o tempo de exaurir determinada região. Tinham condições drásticas de sobrevivência, eram ameaçados constantemente pela invasão e roubo por parte de outros grupos humanos e também por predadores que ameaçavam os rebanhos. Desta forma constituíram uma cultura

extremamente bélica, desenvolvendo toda uma tecnologia de armamentos e estratégias de proteção e ataque com uma organização hierárquica rígida. O que qualificava um indivíduo era sua força física e capacidade de luta. Desta forma, nesta cultura, a mulher vai ter um papel bastante inferior nas relações sociais, tendo como meta existencial a procriação. O poder de um homem se afirmava pelo tamanho dos rebanhos e pelo número de mulheres que possuía. A sexualidade feminina passa a ser extremamente controlada e sua sacralidade é esvaziada.

A cultura nômade das estepes, dos chamados indo-europeus, consistia em um aglomerado de grupos bárbaros que se expandiram na procura de novos territórios. Ao longo de cerca de 2000 anos estes grupos foram pouco a pouco descendo para as regiões mais quentes do então mundo civilizado. Ao encontrar as pacíficas culturas agrícolas deixaram um rastro de destruição e atrocidades, acabando com a arte e a cultura das localidades, tomando seus habitantes como escravos. Impunham sua organização hierárquica e seus deuses masculinos, deuses da guerra.

Neste momento a deusa “mãe terra” vai entrando para a sombra da humanidade. Lentamente, ao longo de centenas de anos, as mitologias vão mudando o grau de divindade dos gêneros, até finalmente a fixação de um único deus masculino, pai punitivo e autoritário, como não poderia deixar de ser neste modelo de organização.

Em realidade podemos pensar que a invasão dos indo-europeus continua acontecendo ao longo de 5000 anos, não pelos grupos primitivos, mas por seu modelo de vida, sua destrutiva forma de lidar com culturas diversas e com a natureza. Vivemos hoje uma versão sofisticada da barbárie primitiva da qual somos herdeiros.

No patriarcado o poder foi inteiramente desviado para mãos masculinas. Quando vemos este fato podemos concluir, de forma precipitada, que este foi apenas um processo de afastamento da mulher nas relações de poder. Isto de fato ocorreu, mas esta é apenas a superfície de uma questão muito mais complexa. O que foi realmente afastado? Os homens permaneceram inteiros neste processo?

A humanidade traçou seu caminho afetando toda a vida no planeta e talvez no próprio cosmos. A perseguição às mulheres foi e é um sintoma de algo maior. Em realidade o patriarcado tem por base a perseguição de um princípio que chamaremos feminino, ou Yin para os orientais. A metade complementar arquetípica que vai representar tantas coisas que partem da sensibilidade, da intuição, da visão sistêmica de mundo, de nossa capacidade de síntese.

As mulheres sofreram mais evidentemente com este processo já que a vivência corpórea e emocional da mulher a remete com muita evidência a Yin. Este princípio está representado arquetipicamente na imagem da mulher e em tudo o que ela significa. Cuidar das crianças, receber seu homem, intuir necessidades alheias fazem parte do cotidiano feminino e compõem a sabedoria da mulher. Este saber era muito valorizado nas sociedades ditas primitivas, consideradas manifestações da própria deusa. A produção cultural, artística e a ciência eram repletas do princípio Yin. Neste aspecto as mulheres detinham muitos conhecimentos sobre agricultura e medicina. Conheciam os vegetais e associavam seus ciclos com os ciclos de seu próprio corpo, conheciam ervas e os processos de cura. Faziam os partos. Nas religiões de culto à deusa as sacerdotisas tinham conhecimento sobre o ser humano e a natureza e uma ética própria no lidar com estas questões.

Nos primórdios do cristianismo havia uma convivência pacífica com este tipo de conhecimento. Mas à medida que se constitui a igreja católica, que vai sendo absorvida pelo império romano e utilizada como religião oficial, esta passa a desqualificar o conhecimento das religiões pagãs entendendo que elas impedem o domínio sobre a população. Em realidade o catolicismo romano espalha-se gradualmente pelo mundo todo absorvendo para a cúpula da igreja todo o conhecimento que antes pertencia aos místicos de cada religião. Desta forma torna-se forte e poderosa e retira da população significativos rituais que lhes permitiam união, liberdade e consciência de si e do mundo.

Sendo as mulheres as principais detentoras deste conhecimento místico foram elas as maiores vítimas da perseguição durante todo este processo.

No final da Idade Média a inquisição mostra para a humanidade a face deformada e sádica deste abuso que iniciou tantos séculos antes. A santa inquisição foi em realidade um grande genocídio, deixando uma marca profunda no coração de todas as mulheres que viveram a experiência e deixaram o medo como herança para aquelas que nasceram posteriormente. Em cidades como Torino 90% da população feminina foi morta. Qualquer movimento feminino que saísse dos padrões impostos pela igreja era punido com tortura e morte. Havia a necessidade de controle total do conhecimento.

Se pensarmos em termos de inconsciente coletivo perceberemos que os 500 anos que nos separam desta época são em realidade um piscar de olhos. Se ficarmos bem atentos ainda podemos ouvir os berros de pavor ecoando dentro de nós. Algo novo surge no universo feminino: o medo de ser mulher. Esta sombra acompanha a mulher durante todos os séculos posteriores e envolve de temor todas as manifestações místicas que não referendassem os dogmas da igreja.

A inquisição perseguiu o pensamento e a experiência científica emergente em sua época. Contrastantemente, em sua luta para controlar todo conhecimento inerente ao princípio feminino, ela cria as condições ideais para a emergência da ciência mecanicista. Esta por sua vez acompanha padrões arquetípicos essencialmente masculinos. São super valorizados a objetividade, a comprovação, a concretude, o racional, o linear. Nesta forma de pensamento a intuição, a subjetividade, a emoção, o afeto, o relativismo dos processos e as relações sistêmicas são consideradas banalidades enquanto insistirem em seu caráter imensurável.

A natureza passa a ser vista como um mecanismo semelhante a um relógio. Tudo deve ser comprovado matematicamente. Aqui estamos então no ápice da obscuridade do princípio feminino. Completamente destituída de sua sacralidade, a natureza passa a ser uma mera fornecedora de matéria prima. Como disse o filósofo Francis Bacon, a natureza é uma fêmea selvagem que precisa ser domada para retirar dela todos os seus segredos.

A ciência mecanicista toma o lugar torturante da inquisição.

A parcela masculina da humanidade passa por um instante histórico de total onipotência e arrogância. Isaac Newton consegue desvendar as leis básicas que regem o movimento dos corpos. Todas as áreas da ciência se encantam por esta precisão matemática e buscam explicar racionalmente a mecânica de seu campo de ação. Então, esta mesma ciência começa a descortinar uma realidade completamente oposta ao antropocentrismo.

Instantes históricos após o físico Isaac Newton atestar, através das leis da física mecanicista, o total domínio do homem sobre a natureza, surge na biologia a teoria da evolução das espécies, fruto da pesquisa de Lamark e, depois, Darwin. Estes provam que o ser humano é fruto da evolução da vida no planeta. Somos irmãos de todas as outras formas de vida e guardamos especial proximidade com os macacos. Até então tínhamos sido criados por Deus a sua imagem e semelhança e a natureza havia sido criada por Ele para servir ao homem. Nosso sentido de superioridade é profundamente abalado com esta notícia. Mas é isso só o começo...

Logo após, Marx e Engels contestaram ferozmente as estruturas da sociedade capitalista, denunciando a exploração e a desigualdade de condições de vida entre os que estão nas linhas de produção e os que detêm os meios de produção, entre eles o conhecimento.

No final do século XIX surge, rompendo com o puritanismo austríaco, Sigmund Freud, que coloca a consciência e a racionalidade humanas totalmente a mercê de aspectos instintivos inconscientes.

Na entrada do século XX a física mecanicista é diretamente contestada quando Einstein formula as leis da teoria da relatividade, colocando por chão todas as certezas adquiridas em séculos de auto afirmação, calcadas em concepções cartesianas e mecanicistas. As leis de Newton não são inutilizadas, mas servem a um determinado campo de percepção da realidade. A física quântica traz elementos de subjetividade à mais matemática das ciências. Sincronicamente nesta mesma época surgem o movimento ecológico e o movimento feminista, duas facetas de um mesmo movimento: o ressurgimento do princípio Yin.

A Grande Mãe ressurgiu das sombras.

Mas não podemos dizer que este movimento já se completou.

Vivemos hoje apenas os primeiros segundos do raiar de um novo dia. Todos os movimentos históricos e científicos que levaram a este momento não tiveram como objetivo esse renascimento. Muito pelo contrário, a maioria de seus colaboradores pensava em leis universais tão amplas e mecânicas como as da física clássica, mas em seu caminho construíram este novo momento histórico.

O contraditório século XX que vimos chegar ao fim conheceu duas guerras que envolveram todo o planeta. Justamente nestas guerras, em especial na segunda, quando as mulheres substituíram os homens nos postos de trabalho, conheceram a possibilidade de participar do processo produtivo. Nos anos 50 elas não querem mais voltar ao trabalho doméstico. Querem participar de forma igualitária da sociedade.

Nos anos 60 explode o movimento feminista exigindo direitos e abrindo portas para uma nova mulher.

As mulheres que nesta época estavam com vinte anos, olhavam para suas mães e não se identificavam com um modelo feminino de submissão.

É exatamente neste momento que projetam seu olhar para o mundo masculino e buscam aí elementos de identificação.

Neste caminho de redescoberta da identidade feminina, o movimento ocorrido nos anos 60 representa uma ruptura com padrões antigos e estereotipados. Mas 20 anos depois estas mesmas mulheres sentiam a falta de algo muito profundo. Um sentido particular para seu *Ser mulher*. O feminino continuava difícil de apalpar, encoberto sob as obrigações do modelo masculino e resquícios moralistas da exigência patriarcal.

Nos anos 80 a mulher não sabe o que é ser mulher. Possivelmente as suas antepassadas tivessem pouca noção de um feminino essencial, ficando em uma vida resignada, mas com padrões estereotipados muito claros de feminilidade. A década de 80 é o momento de questionamento. A mulher ocidental sente falta de uma mãe para se identificar. Mas nesta altura também muitos

homens entram em crise com sua masculinidade quando suas companheiras não seguem os padrões de comportamento repetidos por tantas gerações.

Seria um erro achar que os homens tiveram alguma vantagem com os anos de patriarcado. Aparentemente privilegiado o homem pagou muito caro. E o preço foi sua sensibilidade, o direito a emoção, ao amor integrado e ao prazer. Perdeu a proximidade com os filhos e o direito de não ter que provar nada a ninguém. O homem dos anos 80 descobre que os valores de masculinidade de seu pai já não são garantia de sucesso ou estabilidade.

Depois desta longa trajetória, homens e mulheres têm hoje o grande desafio de resgatar realmente a sua essência. Um caminho sem mapas, com segredos guardados há muitos séculos no inconsciente da humanidade.

Algo aparentemente novo, mas que tem suas raízes no passado, onde somente a força ritualística dos arquétipos pode tocar.

CONSTRUINDO A CASA

No trabalho de sexualidade de gênero um dos pontos mais importantes é a construção das casas, ou seja, a casa das mulheres e a casa dos homens. Esta estrutura está em uma dimensão essencialmente ritualística. As sociedades primitivas nos mostram o quanto é essencial, dentro do processo de amadurecimento humano, os rituais de passagem. Destes, um dos mais significativos é o que marca a passagem da infância para o mundo adulto. Encontramos ainda resquícios destes rituais em nossas celebrações atuais, mas, na maioria das vezes, bastante esvaziados de sentido.

Os rituais de passagem da infância para o mundo adulto têm por característica dividir os iniciados em grupos segundo o gênero, sendo que cada grupo tem um tipo específico de iniciação, atendendo suas necessidades de identificação. São então constituídas casas ritualísticas dos homens e das mulheres. Nestas casas os participantes do ritual entram em uma dimensão arquetípica, fora do tempo e do espaço, onde conhecem os mistérios correspondentes ao seu gênero.

O que podemos perceber desta sabedoria é que existe uma consciência de que o que nos prepara para a condição de nosso ser no mundo adulto são as pessoas do mesmo gênero. É então que, para uma mulher, é essencial conviver com outras mulheres, a partir de sua mãe, mas também com todas as outras mulheres que são importantes em sua vida.

A identidade se constrói quando nos identificamos com o outro.

No mundo masculino este ritual adquire especial importância, pois o menino nasce de uma mulher, o que significa que para se tornar homem deve romper com o mundo feminino de onde veio para construir sua identidade masculina identificando-se com outros homens, a começar pelo pai.

O ritual é um momento de passagem onde o inconsciente, que só compreende uma linguagem simbólica, é comunicado que as experiências da infância devem ser deixadas para abrir-se as portas do mundo adulto.

A ausência de rituais de passagem acabou por criar em nossa sociedade um período chamado adolescência, que se constitui em uma psique que se apegua a padrões de relação infantilizados em um corpo que é adulto. A adolescência é uma criação de nossa cultura. Uma cultura que teme o amadurecimento, a sexualidade, a liberdade criativa e expansiva do mundo adulto. Passamos nosso período vital mais fértil nos debatendo em questões de autoridade e quando finalmente nos percebemos adultos e nos damos conta que temos o poder sobre nossas vidas já nos sentimos velhos. Neste sentido, a adolescência favorece a estrutura ideológica da sociedade. E o que é pior, existe a tendência de estender este período e toda sua forma de dependência por infindáveis anos. Se observarmos bem, vamos encontrar em um grupo de adultos diversos “adolescentes” de 20, 30, 40 anos ou mais.

Em nossa cultura, existe nas entrelinhas a idéia de que o amadurecer é uma promessa de infelicidade. Diz-se que o mundo adulto é o mundo das responsabilidades. O olhar infantil para os adultos presos em obrigações pode gerar o seguinte resultado: “não quero amadurecer. Ser adulto é uma prisão, é deixar de se divertir, de ter prazer. Ter trabalho ou ter família é algo tedioso.”

Existe na realidade uma grande confusão entre o que é responsabilidade e o que é obrigação. Mas vejamos:

Obrigação – Uma exigência externa. Algo que o mundo nos cobra sem se interessar em como nos sentimos a respeito. Muitas vezes as obrigações nos chegam como imposições, desconhecendo nossas necessidades e passando por cima de nossas responsabilidades.

Responsabilidade – É antes de tudo um ato amoroso. Algo ligado à ética, ao cuidado pela vida. A responsabilidade é algo que amorosamente se expande de dentro para fora. É o cuidado que temos na preservação de tudo o que amamos.

Neste sentido, podemos dizer que o adulto que vive no mundo das obrigações é um prisioneiro, alguém que vive a ansiedade de atender constantemente as exigências de um meio formal e aprisionante.

Já o adulto que vive no mundo da responsabilidade conhece a liberdade contida no ato de amar, sente que o cuidado amoroso pela vida abre as portas para a infinita expansão de seu próprio ser.

O adulto que vive esta dimensão da responsabilidade preserva a curiosidade, a inocência e o prazer que encontrava em sua infância, somados com a sabedoria de seus anos de vida, o conhecimento e a estabilidade que somente a vivência pode dar.

O *puer aeternus* tende a negar o valor de suas experiências de vida, nega-se a compreender os ensinamentos contidos em todos os fatos do cotidiano e tende a responsabilizar os outros por suas frustrações, vangloriando-se de seus feitos, que em geral são atos heróicos de caráter indicativo, como se alcoolizar de forma extrema, esportes e atitudes de risco e conquistas sexuais. Todas tentativas desesperadas de romper com o mundo infantil e obter o reconhecimento no mundo adulto.

Neste sentido o trabalho de Biodança com a casa dos homens e a casa das mulheres resgata, mesmo em épocas tardias, a dimensão ritual necessária para proceder à passagem.

Mas vamos compreender melhor este processo...

O ser humano tem uma dimensão que é inconsciente. Em realidade esta dimensão não está dissociada da totalidade de seu ser. Na teoria dos sistemas a parte representa o todo. Sendo assim o que

chamamos de inconsciente forma uma totalidade com o sistema vivente, não sendo uma forma distanciada e oculta que nos habita, mas sim, o resultado concreto do que vivemos e sentimos enquanto seres vivos, enquanto espécie, e enquanto indivíduos.

Em Biodança vamos trabalhar com o conceito de inconsciente em três níveis que estão sistemicamente interligados. O primeiro nível, mais antigo, chamaremos de **inconsciente vital**. Este contém a informação primordial que nos garante unidade enquanto sistema vivente, parte de um sistema vivente maior que é o próprio cosmos. O **inconsciente vital** compõe o pensamento de Rolando Toro sobre **princípio biocêntrico** onde o cosmos é visto como um todo orgânico. A vida gerou o universo e não o universo gerou a vida. O mistério que compõe a coerência deste infindável sistema, desde as partículas até as galáxias, chamamos de inconsciente vital. É este que vai permitir a unidade do ser humano como de qualquer outro organismo vivo. O inconsciente vital não tem sede na psique, ou no mundo simbólico. Ele está presente na coerência de nossas células que sabem como devem se reproduzir e diferenciar, em nossos órgãos que sabem como devem colaborar com o organismo e em nossas emoções que se expressam independentes de permissões racionais.

O segundo conceito é o de **inconsciente coletivo**, elaborado por Jung. Resgata a história da humanidade, não em sua linearidade, mas em seus valores essenciais, representada em conteúdos simbólicos comuns a toda a espécie que chamaremos arquétipos. O Inconsciente Coletivo é tão abrangente, significativo e determinante para a humanidade, que podemos dizer que ele não está em nós, mas nós estamos nele. O espaço e o tempo não existem no inconsciente, estamos imersos dentro de um grande oceano de mensagens e enigmas essenciais. Podemos dizer que no inconsciente coletivo o arquétipo vai dar significado ao **inconsciente vital**, como se através dos arquétipos ele pudesse ser parcialmente compreendido pela humanidade.

O **inconsciente pessoal** é o ramo ontogenético dos outros dois inconscientes, é a ponta de um processo evolutivo, onde o arquétipo adquire uma forma pessoal. É a história de cada indivíduo, os valores e formas simbólicas de sua cultura e vivências, que

formam uma espécie de mundo interno não apreendido pela consciência, mas determinando as ações no mundo. Na concepção freudiana o inconsciente pessoal determina as ações do indivíduo. Devido a traumas infantis, que podem ser tão hostis e de difícil elaboração, tais ações acabam por não chegar a consciência.

James Hillmann traz a idéia de que o inconsciente pessoal contém uma memória do futuro e não do passado e que desta forma propicia vivências ao indivíduo que lhe provocam a aprendizagem do que ele deve saber para chegar a essência de seu ser que Hillmann vai chamar de Demian.

A comunicação com o inconsciente não se faz de forma racional e objetiva. O inconsciente obedece a formas próprias de comunicação, às quais temos acesso à medida que estamos sensíveis, atentos e receptivos a formas não lineares de comunicação. Atentos às sensações e aos sentimentos, aprendemos a perceber e valorizar algo que vem de um movimento interno que se traduz para consciência através de sutis informações.

A potência da Biodança está em penetrar no mundo arquetípico através de sua chave mais potente, a vivência. O ritual arquetípico abre uma brecha no presente, dissolvendo a noção espaço tempo e remetendo para a eternidade do aqui e agora. O intenso compromisso emocional com o instante vivido provoca um resultado imediato no sistema neuro-endócrino e imunológico. Isto representa uma via de acesso direto a todos os níveis de inconsciente, mas de uma forma completamente orgânica, não mecânica, prazerosa e amorosa – e não torturante. Promove então, não a revelação do inconsciente à consciência, mas a integração de todos os níveis, desfazendo dissociações.

A Biodança pode criar vivências com dimensões arquetípicas muito profundas. O facilitador compreende e combina estímulos ambientais, como música, movimento e interação do grupo, no intuito de criar o clima ritual apropriado a determinada vivência, resultando na integração de potenciais de vida adormecidos em cada participante.

No caso da casa das mulheres o ambiente apropriado ao ritual de passagem é um grupo exclusivamente feminino. A participante vai aos poucos se sentindo em comunhão com as outras mulheres, sente-se parte da totalidade do mundo feminino. Percebe o significado profundo desta totalidade feminina como parte de uma

totalidade ainda maior, a humanidade, a natureza, o cosmos. Na casa dos homens o mesmo acontece, enfocando as particularidades da masculinidade.

A CASA DAS MULHERES

A particularidade do universo feminino é vivida na casa das mulheres. Não é uma proposta limitada a um curso, mas uma continuidade onde, a cada novo encontro, novos aspectos são vivenciados. O trabalho das casas não substitui o grupo regular misto. Pelo contrário, é justamente ele a matriz comunitária que permite, que de tempos em tempos, o encontro somente de mulheres tenha um significado específico. A casa das mulheres deve ser colocada como um processo de encontros esporádicos durante um processo grupal heterogêneo. É um facilitador específico do de aspectos da diversidade feminina.

Todo ser humano nasce de uma mulher. E, apesar de na maioria das vezes a mulher ser responsável também pela educação, o feminino é desvalorizado em nossa sociedade como algo de menor importância. Todas as tarefas relacionadas ao universo feminino são menos valorizadas, vistas como óbvias, e não são consideradas sinônimo de talento. Um dos aspectos importantes a serem tratados é o da conscientização do papel da própria mulher na propagação de uma moral coercitiva e desqualificante dos aspectos específicos do feminino. São as mães as primeiras a ensinar suas filhas que a menstruação é um sofrimento mensal e algo que deve ser escondido com vergonha. Ensinam suas filhas a temer a própria sexualidade e sensualidade, a considerá-la algo feio e sujo. Neste sentido, a mulher tem um papel fundamental na preservação do patriarcado e todas as formas ideológicas que o representam.

O que é pior é que isto não se limita a esfera materna. São as próprias mulheres através de julgamentos, fofocas e maledicências que controlam a moral sexual das amigas e outras mulheres próximas. A inveja e a competição são componentes comuns ao universo feminino do patriarcado. Falo de pessoas infelizes que não suportam ver um vestígio de felicidade em seus semelhantes.

Um dos pontos importantes deste trabalho é a percepção do significado de se aproximar de quem se admira. Nossa identidade se

compõe através da vivência de interação com o outro. Se estiver sempre próxima de mulheres infelizes e frustradas e procuro destruir as mulheres que vejo viver sua feminilidade, certamente estarei impondo a mim esta mesma rigidez, destruindo em mim os aspectos que condeno nos outros. Mas se me aproximo das mulheres que percebo como vivas, alegres, sensuais, realizadoras e guerreiras, pouco a pouco percebo que estas mesmas características existem de uma forma singular em mim. A vivência da casa das mulheres ressalta a importância da amiga na composição do universo feminino. A outra mulher é o portal que atravesso para formar minha identidade.

Neste sentido, são propostas diversas vivências que resgatam aspectos arquetípicos do feminino. Viver estes aspectos sendo celebrada por outras mulheres desmonta as estratégias coercitivas de que falei anteriormente. Facilita a mulher encontrar-se integra com sua feminilidade.

A seguir algumas vivências que podem ser utilizadas na facilitação deste processo:

- Segmentares, acompanhada da amiga:

Os movimentos segmentares têm por objetivo a dissolução gradual de coraças musculares que impedem o prazer e a expressão emocionada. Quando uma mulher acompanha outra sem conduzir seus movimentos, comunica permissão e aceitação integral. Por outro lado a mulher que acompanha pode perceber que é possível acompanhar sem super proteger, respeitando os caminhos escolhidos pela amiga.

- Roda concêntrica de acariciamento de rostos:

Esta vivência no grupo feminino tem por objetivo aproximar a mulher de suas formas próprias. Normalmente utilizo precedido ou seguido por auto-acariciamento de rosto.

- Encontros ouvindo o coração:

Ouvir com sensibilidade o coração de outra pessoa tem um significado muito profundo, ouvir e mostrar o que está no íntimo.

- Ninho:

Costumo usar a imagem da lagoa quando trabalho o feminino. A receptividade de uma água morna e cheia de vida. Em minha infância vivenciei banhos de lagoa ao por do sol, com pássaros migratórios voando em bando sobre minha cabeça. É uma imagem muito marcante. A receptividade feminina é como a lagoa. Várias mulheres juntas formam a grande lagoa. Por seu estado receptivo pode acolher e ser acolhida afetivamente pela companheira. Ninhos somente de mulheres lembram a doçura de uma lagoa ao pôr do sol. Resgatam a sagrada receptividade feminina, sua capacidade infinita de entrega profundidade e fusão.

- Danças sensuais ao centro da roda:

Este é um momento importante para o grupo feminino, onde podem ser utilizadas variações sobre danças de expressão sensual. O importante é que esta expressão seja profunda e genuinamente celebrada pelas colegas do grupo. A constância deste tipo de vivência no universo feminino refaz a capacidade de experimentar a intensidade de si mesma e rompe com padrões morais repressores e refaz o caráter divino da sexualidade feminina.

O trabalho com mulheres em Biodança ressalta a percepção de que homens e mulheres têm componentes de identidade muito diferentes, não sendo apenas características somente subjetivas, mas concretamente biológicas. Isto não tira o valor de um e de outro. São valores complementares. Na medida em que a mulher cura suas feridas históricas e pessoais, passa a ter acesso a sabedoria feminina. Ressentimento com os homens e competição com outras mulheres passam a não ter mais sentido.

A mulher que está íntegra sabe que é uma expressão da própria deusa que renasce através dela. Sabe da sacralidade da sua sexualidade e tem consciência do valor da sua presença. Já não existe mais falta de amor, por que este é um sentimento que dela nasce, e se derrama no mundo como uma benção...

Já não é mais necessário o controle de si e do outro, por que há a certeza de estar inserida e ser a própria abundância.

BIBLIOGRAFIA

CAPRA, Fritjof-O Ponto de Mutação – Ed. Cultrix – SP – 1982.

CAMPBELL, Joseph – O Herói das Mil faces – Ed. Círculo do Livro –SP.

ESTÉS, Clarissa Pinkola – Mulheres que Correm com os Lobos – Ed.Rocco- SP –1992.

GIMBUTAS, Marija – Todos os Nomes da Deusa – Ed. Rosa dos ventos – RJ –1997.

JUNG, Carl – O Homem e seus Símbolos –Ed. Nova Fronteira -RJ.

KRAMER, Heinrich – O Martelo das Feiticeiras –Ed. Rosa dos ventos – RJ – 1997

MCNEILL, Willian – História Universal – Ed. Globo – POA – 1972.

MURARO, Rose Marie – Os Seis Meses em que fui Homem – Ed. Rosa dos Ventos – RJ - 1990.

PERERA, Sylvia – Caminhos para Iniciação ao Feminino –Ed Paulinas- SP – 1985.

TORO, Rolando – Princípio Biocêntrico – Texto Editado pela Fundação Biocêntrica – Chile.

TORO, Rolando – Inconsciente Vital - Texto Editado pela Fundação Biocêntrica – Chile.